

DE00972014RL/RCMC

Director:
Francisco Figueiredo

Semanário Regional
Quinta-feira,
25 de Abril de 2024
Ano: 111 | N.º: 5950

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

NOTÍCIAS DA COVILHÃ

PUBLICIDADE



COVILHÃ

Comerciantes do Sporting
queixam-se do mau cheiro
que vem das ruas

Pág. 4

TORTOSENDO

Posto da GNR
adjudicado à segunda
tentativa

Pág. 3

CONCELHO

Autarcas eleitos no
"pós-Abril" homenageados
em Outubro

Pág. 10

SERRA DA ESTRELA

Nova associação
de municípios para
desenvolver Parque Natural

Pág. 6

BELMONTE

Torre de Centum Cellas
de "cara lavada"
já não corre risco de ruir

Pág. 28



curilho



COVILHÃ

Pág. 9 a 24

50 ANOS DE ABRIL

Liberdade e democracia

EDITORIAL

O EMBUSTE



FRANCISCO FIGUEIREDO
DIRECTOR

“Um país de promessas por cumprir, onde a mentira é lei, e a qualidade de vida uma miragem”

Não é a cena do anúncio do “choque fiscal” ou que raio é isso, que afinal nunca aconteceu. Nada. Nem sequer nos devemos indignar, admirar com tal sucedimento. A tentativa de enganar um grupo numeroso é algo que também parece uma conquista de Abril, tal a impregnação da mentira no corpo da nossa democracia. Por estes dias, ao chegar a casa, noite escura, silêncio no bairro quebrado por um alerta sonoro. Um homem remexia o lixo do contentor, procurando algo. Eventualmente um pedaço de pão velho, restos de comida com que pudesse fingir a fome, ali mesmo na praça, ou levar para o lugar onde habitualmente pernoita. Uma tenda debaixo do viaduto, uma barraca de madeira entre os canaviais. Somo nós que escolhemos a morada onde este indivíduo se encosta. Aquele que mais nos convém, para que a vergonha que devemos sentir não nos doa tanto. Há centenas de cidadãos que nunca terão uma casa, trabalho, nem recursos de sustento. Há milhares de portugueses sem as mínimas condições de subsistência. Muitos até vão trabalhar, mas ao fim do dia, o que os espera é o choro de uma criança, os gritos de uma mulher, reclamando uma razão para uma vida condigna, quase



PIXABAY

quarenta anos depois de nesta pequena casa a que costumamos chamar país, começaram a chegar contentores cheios de dinheiro, de uma outra casa um pouco maior a que acabávamos de aderir. Um poço sem fundo para o desenvolvimento social, crescimento económico, redução das desigualdades e eliminação da pobreza.

“Enquanto houver um pobre em Portugal, o ideal estará por cumprir”, terão dito tantos, mas tantos políticos que ao longo destas décadas têm sido chamados pelos seus eleitores para tornar “isto”, um sítio agradável para se viver. Ao invés, milhões, muitos milhões de euros depois, a face visível é um tratado de uma doentia obsessão por auto-estradas, pontes, viadutos

e túneis, que nos têm aberto caminhos mais rápidos apenas para lugares onde não há nada. Bom, talvez algumas migalhas deixadas pelos grandes obreiros – que nós continuamos a seguir qual burro atrás da cenoura - no final dos seus grandes repastos. Os portugueses, e todos os outros que pelas mais diversas razões escolheram Portugal para ter uma morada, merecem muito mais do que uma mão cheia de nada. O verdadeiro embuste é este. Um país de promessas por cumprir, onde a mentira é lei, e a qualidade de vida uma miragem. Este movimento que dá vivas à liberdade e à democracia, passa uma esponja sobre tudo o que (não) conseguimos realizar, e continua lá atrás. 50 anos antes.

ILUSTRAÇÕES

Na capa desta edição, ilustração assinada por André Carrilho
Na página 22 / 50 Anos de Abril, ilustração por Leandro Ferreira

FICHA TÉCNICA

Notícias da Covilhã – Semanário Regional

DIRECTOR Francisco Figueiredo | **REDACÇÃO/COORDENAÇÃO** Ana Ribeiro Rodrigues (C.P. 4639) | **EDIÇÃO** João Alves (C.P. 3898) | **PAGINAÇÃO** Rui Delgado | **DESIGNER** Francisca Caetano **COLABORADORES** André Amaral, António Pinto Pires, António Rodrigues de Assunção, Carlos Madaleno, Filipe Pinto (foto), José Avelino Gonçalves, Pedro Seixo Rodrigues, Graça Rojão | **CORRESPONDENTES** João Cunha (Paul), Maria de Jesus Valente (Erada) e Rui F. L. Delgado (Teixoso) | **IMPRESSÃO** FIG – Indústrias Gráficas SA – Rua Adriano Lucas, 3020-265 Coimbra; **SEDE DO EDITOR** (Contabilidade, publicidade, redacção e administração) Notícias da Covilhã – Rua Jornal Notícias da Covilhã, 65 R/C; 6201-015 Covilhã | **PROPRIETÁRIO** Gold Digger, Lda.; **NIPC** 513 904 301 | **DISTRIBUIÇÃO** Notícias da Covilhã | **N.º DE REGISTO** 101753 | **N.º DEPÓSITO LEGAL** 513502/23 | **TIRAGEM** 6 mil exemplares (semana) | **TELEFONE** 275 035 378 | **CONTACTOS** geral@noticiasdacovilha.pt, redacao@noticiasdacovilha.pt, comercial@noticiasdacovilha.pt

111
ANOS

COVILHÃ



Há vários anos que a GNR trabalha em instalações provisórias no Tortosendo

GNR

TORTOSENDO

POSTO DA GNR ADJUDICADO

Obra vai custar um milhão 738 mil euros e tem prazo de execução de 720 dias

JOÃO ALVES

Foi “o final de uma epopeia”, como disse na passada sexta-feira, 19, o vereador do CDS/PSD na Câmara da Covilhã, Pedro Farromba. Que se regozijou pelo anúncio: a empreitada de construção do novo posto territorial da GNR, no Tortosendo, foi adjudicada pela autarquia, e agora, segundo o presidente da Câmara, Vítor Pereira, “é uma questão de arrancar”.

A obra foi “finalmente” adjudicada, pelo valor de um milhão 738 mil euros e tem um prazo de execução de 720 dias.

Recorde-se que a Câmara da Covilhã abriu um primeiro concurso, mas em setembro, o presidente do município, Vítor Pereira, adiantara que o mesmo tinha ficado deserto, explicando que a inflação fizera disparar os preços, pelo que não houve interessados. Na altura, o investimento

Obra adjudicada no segundo concurso lançado pela Câmara

previsto na portaria de autorização de despesa para a construção do novo posto era no valor de 1,6 milhões de euros, após publicação da mesma em Diário da República, em maio. O contrato foi assinado em junho, na presença do ministro da tutela, mas depois de aberto o concurso, nenhuma empresa avançou.

Por isso, em novembro do ano passado, a autarquia apostou num novo concurso. Aumentou o valor para 1,8 milhões de euros (suportando o município a diferença de valor entre o concurso e autorização dada pelo governo), de modo a suscitar maior interesse, o que terá acabado por acontecer.

O vice-presidente, Serra dos Reis, em novembro último, acentuava a vontade de inaugurar o novo posto “antes do final do mandato”.

A empreitada resulta de um protocolo celebrado no âmbito da Lei de Programação de Infraestruturas e Equipamentos das Forças e Serviços de Segurança do Ministério da Administração Interna, dono da obra e responsável pelo financiamento.

A Câmara da Covilhã teve a responsabilidade de elaborar o projeto e ceder o terreno para a obra, nas proximidades do Seminário do Verbo Divino, em terrenos anteriormente cedidos à Associação Cordas, que no período de quatro anos não conseguiu os apoios para aí construir um jardim sensorial.

PAUL

APROVADO PROJETO PARA REQUALIFICAÇÃO DA ESCOLA EB2/3

■ A Câmara da Covilhã aprovou por unanimidade, na passada sexta-feira, 19, o projeto de arquitetura referente ao anteprojeto do projeto de execução das obras de requalificação da escola EB 2/3 do Paul.

O projeto irá custar cerca de 95 mil euros e estará pronto dentro de 90 dias.

O presidente da autarquia, Vítor Pereira, lembra que esta é uma obra mapeada pelo Ministério da Educação e estima que a empreitada custe cerca de dois milhões 250 mil euros.

Pedro Farromba, vereador da oposição (CDS/PSD) lembra que esta é uma obra “importante para o concelho” e que escola já “carece há muito tempo de uma intervenção”.

João Alves



V. REIS SILVA

Mais de dois milhões para requalificar a escola do Paul

PUBLICIDADE

**COMÉRCIO DE MÁQUINAS
E FERRAMENTAS
PROFISSIONAIS, LDA**



WWW.COVITOOL.PT

Parque Industrial da Covilhã, Lote C4-B
Apart. 553 | 6200-027 Canhoso, Covilhã
EMAIL: covitool@sapo.pt



COVILHÃ

MAUS CHEIROS MOTIVAM QUEIXAS DOS COMERCIANTES

UM CENTRO CÍVICO “SEM CIVISMO”

Além do estacionamento fechado, quem tem lojas no Centro Comercial do Sporting queixa-se de que, sem casas de banho públicas, haja quem faça necessidades na rua, o que provoca maus cheiros dentro do shopping

JOÃO ALVES

Helena Almeida é comerciante no Centro Comercial do Sporting há vários anos, mas garante que, também ela um dia fecha a porta se persistir a falta de atenção dada aos lojistas daquele imóvel que, há diversos meses, não têm o silo aberto, pagam rendas sem ter clientela e, agora, ainda têm que viver com o mau cheiro que chega da rua, face ao facto de algumas pessoas fazerem as necessidades em qualquer canto. “É um cheiro horrível no centro comercial” garante.

Helena foi uma das comerciantes que na passada sexta-feira, 19,

esteve na reunião pública do executivo, queixando-se da ausência de casas de banho públicas na cidade e da falta de limpeza nas imediações do shopping. “Limpa-se tudo cá em cima, mas depois, junto aos correios, e daí até à loja do chinês, é uma porcaria. As casas de banho públicas estão fechadas, e a nós pedem-nos para ir ao wc do shopping, que é o condomínio que paga. Temos montes de despesas, poucos clientes, e despesas. Qualquer dia fecham as lojas todas. A cidade está a morrer aos pouquinhos” lamenta, uma ideia também defendida por outro comerciante, João Soares, que não percebe o porquê de no centro da cidade não haver casas de banho abertas ao público.

Vítor Pereira recordou aos dois comerciantes que ali bem próximo, por baixo do antigo Verdinho, existe uma casa de banho pública “que está limpa e é utilizável”, mas quanto a quem usa a rua para fazer necessidades fisiológicas, “isso não é uma questão que possamos controlar, é uma questão de civismo”. O autarca diz que está a

ser estudada a hipótese de compra de um wc com uso de moedas, com “autolimpeza”, mas que não tem sido fácil encontrar este tipo de equipamentos. Quanto a alugar casas de banho amovíveis para colocar em alguns locais da cidade, “não é uma hipótese que me agrada, até porque acho o valor a pagar excessivo”. O autarca garantiu ainda que a Águas da Covilhã (ADC), que “tem a obrigação de proceder à limpeza e desinfeção dos locais” já está informada do sucedido, tendo João Marques, presente na reunião, garantido que as ações de limpeza nas ruas circundantes ao centro comercial vão aumentar.



Não é uma questão que possamos controlar, é uma questão de civismo”

**SILO RESOLVIDO
“LÁ PARA O VERÃO”**

O autarca covilhanense falou ainda da questão do estacionamento subterrâneo, fechado há mais de um ano, uma situação da qual os lojistas também se queixaram. Vítor Pereira reafirma que é uma situação “complicada”, face à ausência de regras de segurança, e que depois de, primeiro, a Câmara ter optado por, de forma a agilizar o processo, ter pedido à empresa MoviCovilhã para fazer a intervenção, o processo “começou a marcar passo”. Por isso, voltou agora a chamar a si “as rédeas” do mesmo. Segundo Jorge Vieira, diretor de obras e planeamento do município, o concurso público para as obras já foi aberto e estará para ser publicado em Diário da República.

“Era esta demora que queríamos evitar, mas acredito que esta situação pode ficar resolvida lá para o verão, no início do ano escolar” garante Vítor Pereira.

Pedro Farromba, vereador da oposição, lamentou o que se está a passar no silo mais de um ano depois da concessão ter entrado em funcionamento, não havendo datas previsíveis de reabertura, e alertou, mais uma vez, para “um outro problema” que todo esta impasse “nos vai trazer”, nomeadamente a hipótese de ter que se indemnizar a empresa por o contrato de concessão prever a exploração desse silo, que não está a funcionar. Recorde-se que bem recentemente, numa outra reunião pública do executivo, Farromba revelara a sua preocupação com a eventualidade de a empresa utilizar esse subterfúgio para aumentar o número de lugares tarifados à superfície, para compensar essa receita. E já tinha alertado para a possibilidade de a concessionária poder vir a reclamar uma indemnização, uma vez que apenas os parques subterrâneos da Praça do Município e da Estação estão a funcionar.

Vítor Pereira recusou qualquer receio com essa hipótese. “Não há receio qualquer, essa questão está salvaguardada” garantiu.

A MoviCovilhã começou a operar a 2 de fevereiro de 2023 e a concessão tem uma duração de dez anos, durante os quais a Câmara da Covilhã pagará 9 milhões e 170 mil euros, mais o Imposto de Valor Acrescentado (IVA).



Lojistas garantem que da rua chega um cheiro “horrível” ao centro comercial

COVILHÃ



Humidade tem deixado paredes da escola completamente negras

DR

DOMINGUISO

HUMIDADE TOMA CONTA DE ESCOLA REQUALIFICADA HÁ QUATRO ANOS

Problemas de infiltrações no telhado deixaram paredes negras. Segundo a vereadora do pelouro da educação, no verão está prevista uma “pequena intervenção”

JOÃO ALVES

As paredes negras, como as fotos documentam, não mentem: a escola do 1º ciclo do Dominguiso está com um problema de humidade que, segundo a Câmara da Covilhã, será resolvido no verão.

Na última reunião do executivo, na passada sexta-feira, 19, o vereador da oposição CDS/PSD, Pedro Farromba, apresentou imagens que considera “alarmantes” da escola, revelando

“sérias preocupações” com a salubridade do ambiente, já que as fotos mostram sinais “evidentes” de deterioração, manchas e presença “abundante” de fungos, bactérias e ácaros. Farromba disse ainda que os encarregados de educação já revelaram preocupação com os “potenciais riscos” no que diz respeito à saúde das crianças e disse ser necessária uma “urgente intervenção” no edifício escolar. “O bem-estar e saúde das crianças e dos colaboradores devem ser prioridades incontestáveis em qualquer instituição educacional” afirmou o vereador.

A vereadora com o pelouro da educação na autarquia, Regina Gouveia, lembrou que aquela escola foi objeto de “beneficiação geral há quatro anos” e que o problema se prende com o telhado. “A infiltração e humidade surgiu este ano. A competência está delegada na junta, que tem planeada uma pequena intervenção no verão, em que vai mexer no telhado” explicou Regina Gouveia. Que disse que as obras não se fazem antes para não interferir no período letivo, até porque no edifício há crianças entre julho e setembro, sendo que apenas em agosto o imóvel fica vazio.

Em agosto está prevista intervenção no telhado

DEMOCRACIA

AUTARCAS “PÓS-ABRIL” DISTINGUIDOS EM OUTUBRO

■ O presidente da Câmara da Covilhã, Vítor Pereira, anunciou na passada sexta-feira, 19, durante a reunião pública do executivo covilhanense que os autarcas e ex-autarcas eleitos após o 25 de Abril de 1974 no concelho da Covilhã vão ser homenageados numa cerimónia pública a decorrer no dia 23 de outubro, no âmbito do feriado municipal.

“Serão todos, desde o 25 de abril até aos dias de hoje” disse o autarca, incluindo assim não só presidentes de câmara, mas também de juntas.

A resposta à proposta apresentada pela bancada da coligação CDS/PSD na câmara, que pediu que a autarquia distinguisse os presidentes da autarquia e da assembleia municipal que foram eleitos depois do 25 de Abril. A proposta foi apresentada por Pedro Farromba, que lembrou o papel dos autarcas no pós-revolução.



ANA RIBEIRO RODRIGUES

Autarquia vai distinguir todos os autarcas eleitos após o 25 de Abril de 74

PUBLICIDADE

A PREVENÇÃO COMEÇA EM SI.

APROVEITE AS FÉRIAS PARA SE PROTEGER DOS INCÊNDIOS RURAIS.

Conheça as principais medidas de autoproteção e quais as boas práticas sobre o uso do fogo.

Aproveite as suas férias no nosso país para estar mais informado, preservar a sua história e cuidar dos seus terrenos.

CONTAMOS CONSIGO!

Informe-se pelo **808 200 520 / 211 389 320** (custo de chamada local) ou na sua Câmara Municipal.

Saiba mais em **bupi.gov.pt**, **aldeiasseguras.pt** ou em **portugalchama.pt**.

PORTUGAL CHAMA POR SI. POR TODOS.

COVILHÃ

PARQUE NATURAL

COVILHÃ INTEGRA NOVA ASSOCIAÇÃO QUE QUER DESENVOLVER A SERRA DA ESTRELA

A Covilhã é um dos seis municípios que integra a Associação de Municípios do Parque Natural da Serra da Estrela (AMPNSE) que irá, entre outros trabalhos, gerir fundos para reabilitar a serra, ao abrigo do Plano de Revitalização criado pelo Governo

JOÃO ALVES

Gerir, entre outros, os fundos disponibilizados pelo Plano de Revitalização da Serra da Estrela (cerca de 155 milhões de euros), para reabilitar a serra. É esta uma das tarefas previstas na nova Associação de Municípios do Parque Natural da Serra da Estrela (AMPNSE), constituída pelos municípios da Guarda, Celorico da Beira, Gouveia, Seia, Manteigas e Covilhã, cujo a integração neste órgão foi aprovada por unanimidade na passada sexta-feira, 19, na reunião pública do executivo covilhanense.

Entre outros objetivos, a AMPNSE terá como tarefas a promoção da cooperação e articulação, entre os municípios associados, na reabilitação e desenvolvimento do Parque Natural. Segundo Vítor Pereira, a nova associação irá também trabalhar no plano hídrico da Serra, plano rodoviário, modelo de gestão turística sustentável, plano diretor intermunicipal e defesa do património cultural da região, entre outros. No horizonte está também a apresentação de uma candidatura do Parque Natural da Serra da Estrela a paisagem cultural da UNESCO.

Quanto aos órgãos sociais, haverá assembleia geral, conselho fiscal e conselho diretivo, sendo que os mandatos coincidem com os mandatos autárquicos, ou seja, de quatro anos. A direção do mandato do conselho diretivo é anual, sendo rotativo entre os seis municípios. Vítor Pereira afirma que a associação existirá “enquanto for necessário para cumprir os seus objetivos” e estará sediada na Torre.

Pedro Farromba, vereador da oposição (CDS/PSD) questionou se faria

sentido a criação desta nova entidade, para os fins a que se destina, quando já existem diversas associações intermunicipais, como por exemplo, a Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela (CIMBSE), Associação de Municípios da Cova da Beira e ou Geopark Estrela. Para o vereador, com mais esta associação, aumentam-se despesas. “É mais uma associação com mais serviços, mais técnicos e remuneração”. Farromba pediu mesmo a Vítor Pereira para que reúna com o novo governo de Luís Montenegro para lhe fazer ver da existência da CIM, já com meios técnicos e humanos para fazer este trabalho. “Não poderão os senhores presidentes de câmara reunir com o novo Governo e dizer que, em vez de se criar uma associação para fins específicos, pode-se fazer as mesmas coisas com uma entidade que já existe” sugeriu.

Vítor Pereira disse perceber a questão, só que “a CIM-BSE funciona mal”. “Quando digo isto, não falo das pessoas, de quem lá trabalha. O problema está a montante. As CIMS, todas, sem exceção, não funcionam bem porque a lei que lhes está na base foi mal feita. Foi parida, há 11 anos, a

régua e esquadro, tal qual a lei das freguesias, pelo mesmo autor” disse, lembrando o ex-ministro José Relvas, do governo de Passos Coelho.

Esta nova associação será agora discutida e votada nas respetivas seis assembleias municipais dos concelhos associados e, a ser aprovada, será já ela a tomar conta, por exemplo, da estrada entre Verdelhos e Sarnadas, ligando os municípios da Covilhã e Manteigas.

FARROMBA DENUNCIA ALEGADO CRIME AMBIENTAL

É precisamente em Verdelhos que, segundo Pedro Farromba, um residente lhe fez chegar (via fotos) a possível utilização de resíduos da construção civil, como restos de telhas, cerâmica, caixilharia em PVC ou até cabos elétricos, na pavimentação desta ligação a Sarnadas e à barragem de Verdelhos. O vereador diz ter “sérias dúvidas” sobre se serão o mais adequado para o meio ambiente e perguntou à maioria se a utilização destes resíduos está “em conformidade com regulamentações ambientais em vigor”, pedindo também fiscalização à utilização destes materiais, uma vez que se está em “pleno Parque Natural”.

Associação irá trabalhar, entre outros assuntos, no plano hídrico, rodoviário ou turístico da Serra da Estrela

Na resposta, Vítor Pereira disse desconhecer o assunto. “Se for verdade, é preocupante. A ser, é um atentado ambiental que não se pode tolerar” disse, acreditando que, no âmbito da AMPNSE, esta via será melhorada de moda a dar “mais visitação” à Serra.

Já José Armando Serra dos Reis, vice-presidente, garante que naquele troço está a ser colocada “uma pequena camada de touvenants” e que obra “está a ser fiscalizada”, tanto por técnicos da Câmara, como do Instituto da Conservação, Natureza e Florestas (ICNF). “Não temos qualquer informação de irregularidades. Caso seja verdade, alguém vai ter que pagar, pois é uma obra ao abrigo do Fundo Ambiental e é um crime” disse o autarca, que adianta que, no futuro, ali surgirá uma “estrada verde”, num projeto próximo do milhão e meio de euros.



Denunciado uso de entulho da construção na pavimentação de estrada

CONÇALO POCO

VENDE-SE RECHEIO DE MORADIA NA COVILHÃ

Informações telef. 932 795 244

OPINIÃO

COVILHÃ

O 25 DE ABRIL E AS EMPRESAS

NUNO EZEQUIEL PAIS
CONSELHEIRO
NACIONAL DO PSD



No Estado Novo, Portugal era uma ditadura corporativista. Não havia partidos, a sociedade estava organizada em grupos profissionais que “representavam” os interesses de classe. Essas corporações eram controladas pelo Estado, que assim mandava nas organizações sociais e económicas.

A economia era controlada, fechada, protecionista, sem livre iniciativa. Tarifas muito altas para importação e restrições a empresas estrangeiras. A competitividade era baixa e a aposta tecnológica ainda mais baixa. A concentração de poder nos amigos do regime limitava as oportunidades aos pequenos e médios negócios. Os salários eram baixos para a maioria dos trabalhadores. Os do campo (sobretudo no Alentejo) eram tão explorados que parecia escravatura. Por isso o PCP ali cresceu tanto.

O 25 de Abril trouxe mudanças radicais ao setor empresarial, porque o clima político e social pós-revolucionário era fundado em conceitos (e preconceitos) ideológicos novos.

Foi o tempo das nacionalizações, para reduzir a concentração de poder e promover uma distribuição mais justa da riqueza. Claro que isso resultou na captura de alguns setores estratégicos (banca, seguros, indústria pesada...).

Foi o tempo da reforma agrária, que redistribuiu terras de grandes proprietários pelos pequenos camponeses. Isso impulsionou a produção agrícola e melhorou as condições de vida dos agricultores.

Foi o tempo de novas leis laborais, que aumentaram os direitos dos trabalhadores e as condições de trabalho nas empresas e nas fábricas.

Com o 25 de Novembro, a democratização económica despontou. Abrimos-nos ao mercado internacional e vieram as privatizações.

Tal como na política, também a democracia económica não aconteceu logo no dia 26 de abril. Levou o seu tempo. E foi preciso o PSD, o CDS, o PS e várias políticas ao centro, porque os extremos nunca deram bons resultados.

Não estamos como queremos, mas estamos muito melhor do que no tempo do Estado Novo.

Viva o 25 de Abril!

FOTOLEGENDA

CRAVO DO PELOURINHO ALTERADO

“Este é um cravo mais próximo das pessoas e também mais seguro”. É assim que o artista multimédia, ceramista e curador Luís da Cruz justifica as mudanças operadas numa obra alusiva aos 50 anos do 25 de Abril que foi instalada, nas últimas duas semanas, no Pelourinho. Como o NC anunciara, o cravo gigante teria cerca de 50 metros, formando uma espécie de cúpula sobre a rotunda, e a cor, como mostrou o NC em imagens do projeto, seria dourada. Porém, aquando da montagem, houve mudanças. Luís Cruz diz que o dourado indicaria as bodas de ouro da revolução mas mudança para o vermelho e verde, foi por serem cores mais representativas do próprio 25 de Abril.



FRANCISCO FIGUEIREDO

PUBLICIDADE

25 DE ABRIL SEMPRE!
CELEBRAÇÕES DOS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL DE 1974

PROGRAMA
ABRIL - DEZEMBRO
www.cm-penamacor.pt

VISITAS GUIADAS
ENCENADAS
CINEMA DOCUMENTAL
SESSÕES SOLENES
COMUNICAÇÕES
EXPOSIÇÕES
CONCERTOS
PALESTRAS
MÚSICA
TEATRO

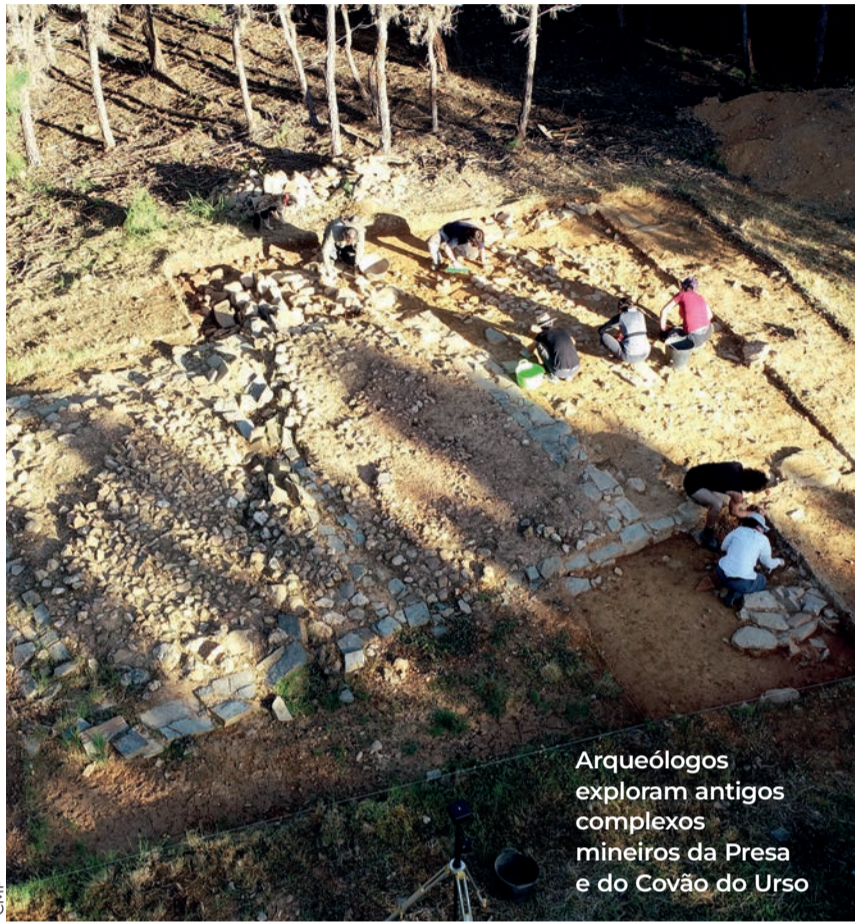
ABRIL 25 ANOS
PENAMACOR
1974-2024

MUNICÍPIO DE PENAMACOR

CÂMARA MUNICIPAL DE PENAMACOR | Largo do Município | 6090-543 Penamacor | Email: gab.info@cm-penamacor.pt | Tel: 277 394 106

[f](https://www.facebook.com/municipiodepenamacor) [ig](https://www.instagram.com/municipiodepenamacor) [municipiodepenamacor](https://www.municipiodepenamacor.pt)

PENAMACOR



Arqueólogos exploram antigos complexos mineiros da Presa e do Covão do Urso

ESCAVAÇÕES

PORTUGUESES E ESPANHÓIS EXPLORAM ANTIGAS MINAS

Sítio romano do Lenteiro alvo de trabalhos arqueológicos

Perceber como era o dia-a-dia das pessoas que trabalhavam nas minas, o seu modo de vida, a estrutura social e forma como se organizava o território. É este, em suma, o objetivo de investigadores portugueses e espanhóis que estão a realizar a segunda

Esta é a segunda campanha de escavações no local

campanha de escavações no sítio romano do Lenteiro, em Penamacor, numa área relacionada com a exploração aurífera romana na região, que incluiu os complexos mineiros da Presa e do Covão do Urso.

Segundo a autarquia, em comunicado, os trabalhos já realizados revelaram ter havido uma “ocupação significativa do local”, relacionando-se “provavelmente” com o todo o processo e logística de exploração das minas.

As escavações estão a ser coordenadas por Brais Currás e Sofia Lacerda e inserem-se no projeto “Aurífer Tagus”, sendo financiadas pelo Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). Do lado português têm o apoio da Universidade de Coimbra e do Município de Penamacor.

INCÊNDIO FLORESTAL HOMEM DETIDO POR NEGLIGÊNCIA

■ A GNR de Penamacor deteve, na passada quarta-feira, 17, um homem, 64 anos, por incêndio florestal naquele concelho.

Segundo a GNR, em comunicado, durante uma ação de patrulhamento, no âmbito da Campanha Floresta Segura, os militares receberam um alerta de incêndio, pelo que se deslocaram para o local e apuraram que “teve origem de forma negligente.”

No âmbito das diligências policiais, foi possível “verificar que o suspeito procedia a uma queima não autorizada em propriedade agrícola, que se descontrolou, provocando um incêndio que consumiu a vegetação circundante.”

O autor da queima foi identificado e constituído arguido e os factos foram comunicados ao Tribunal Judicial do Fundão. Esta ação contou com o reforço da Unidade de Emergência de Proteção e Socorro (UEPS) e com o apoio dos Bombeiros Voluntários de Penamacor e de Idanha-a-Nova.



Uma queima não autorizada descontrolou-se e deu origem a um incêndio

PUBLICIDADE

ASSOCIAÇÃO DE MUNICÍPIOS Cova Beira

03 a 05 MAIO/24

ENERAREA
Agência Regional de Energia e Ambiente do Interior

QR CODE

1.ª Etapa
Dia 03 de maio
Trancoso - Mêda
198 Km

2.ª Etapa
Dia 04 de maio
Belmonte - Sabugal
148,4 Km

3.ª Etapa
Dia 05 de maio
Manteigas - Covilhã
171 Km

Turismo Centro Portugal
Um país dentro do País

Litocar

UCI

ALMEIDA BELMONTE OLIVEIRA DA PRESA COVILHÃ FEDELA CASTELOBRANCO FUNÇÃO GOUVEIA GUARDA MANTEIGAS PENAMACOR PINHEL SABUGAL Seia TRANCOSO MUNICÍPIO

CENTRO 2030 Colaboração para uma Europa melhor Interreg Espanha - Portugal ERSE PPEC ICDJ SERVIÇOS PARTICULARES DO BESPORE & ASSOCIADOS, L.P.

fb gpbeirasesserraestrela gpbeirasesserraestrela.pt

50 AÑOS DE ABRIL

1974

2024

CELEBRAÇÃO

QUE NUNCA SE FECHEM AS PORTAS QUE ABRIL ABRIU



VÍTOR PEREIRA
PRESIDENTE DA CÂMARA
MUNICIPAL DA COVILHÃ

“Agora que já floriu a esperança na nossa terra as portas que Abril abriu nunca mais ninguém as cerra”.
(José Carlos Ary dos Santos)

No momento em que Portugal cumpre meio século do 25 de Abril, tomo de empréstimo as palavras do poeta para reiterar a confiança de que vamos continuar a saber manter abertas as portas que foram franqueadas nesse Abril de 1974.

Que vamos saber continuar a consolidar a Democracia que conquistamos e que nos permitiu construir um país assente em valores, direitos, liberdade e garantias.

Há 50 anos, Portugal conseguiu libertar-se de uma ditadura bafienta, odiosa e execrável. Um regime que oprimia, reprimia e perseguia. Uma ditadura que censurava, encarcerava e torturava aqueles que se atreviam a pensar de forma diferente. Aqueles que queriam um País e um futuro melhores. Foram longos anos em que não se podia sonhar ou ter esperança.

Abril resgatou para todos os portugueses a possibilidade de olhar o horizonte com confiança.

Sem Abril, teríamos continuado por mais tempo afastados da modernidade, da Europa, dos objetivos de democratização, da justiça social e do desenvolvimento.

Teríamos continuado a ser um país com presos políticos, com talentos perseguidos, com obras censuradas e com pessoas exiladas. Um país marcado pelo atraso na prestação de cuidados de saúde, pela inexistência de prestações sociais, pelo



analfabetismo e por uma desigualdade gritante.

Uma realidade que era ainda mais penalizadora para estas terras do Interior, onde agricultores, mineiros e operários lutavam com o que podiam e como podiam contra esse regime. A Covilhã foi terra de luta. Esteve entre os territórios que mais lutaram pela chegada desse dia “inteiro e limpo”.

A história - agora reunida em livro pela mão de António Rodrigues de Assunção e de Casimiro Lopes dos Santos - diz-nos que houve mais de 500 presos/vítimas da Pide que eram do nosso Concelho ou que aqui viviam.

Nomes que têm de ser homenageados e histórias que

têm de ser lembradas para que todos saibam o que significavam esses tempos sombrios, escuros e sem esperança. Para que nunca ninguém sinta a tentação de inverter o rumo, nem mesmo aqueles que já nasceram em plena Democracia. Para que também esses saibam que, em Portugal, o dia 25 de Abril é muito mais do que uma comemoração ou do que um feriado. É a data em que se assinala o dia em que os militares e o povo, unidos a uma só voz, conquistaram a possibilidade de todos termos um futuro melhor.

É a conquista que pintou o país com as cores da esperança que celebramos a cada Abril. No cinquentenário desta data,

fazemo-lo de forma ainda mais vincada. Na Covilhã contamos com uma Comissão de Honra dos 50 Anos do 25 de Abril e estamos a dinamizar um programa ambicioso que se prolonga de Abril a Abril.

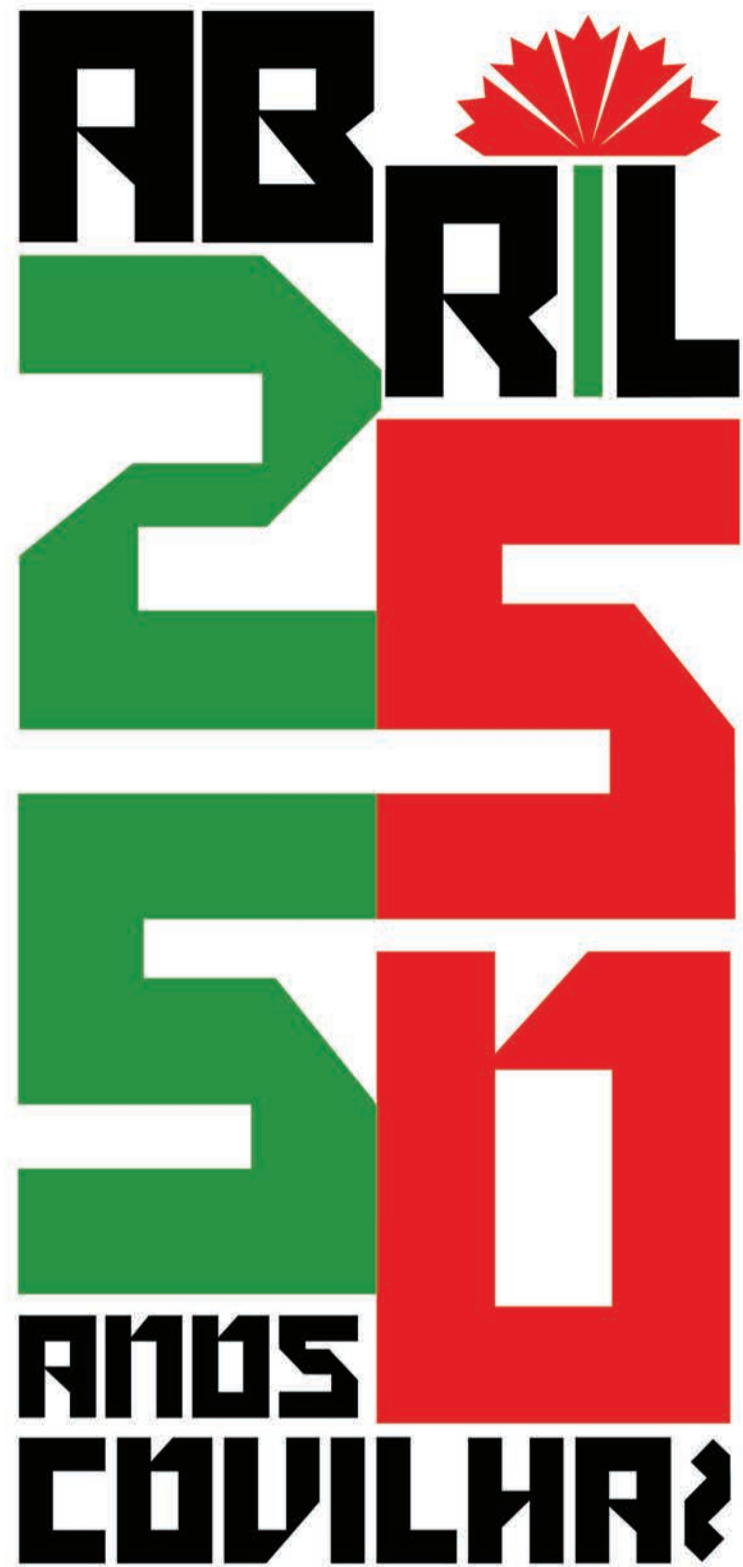
Um programa que, como não me canso de repetir, queremos que seja de todas e todos. Queremos que todas e todos se apropriem dele, mostrando que em tempos de incerteza e quando os populismos crescem, celebrar Abril também pode ser uma arma.

Passados 50 anos, continua a ser tempo de celebrar para que nunca se fechem as portas que Abril abriu.

Viva o 25 de Abril!
Viva a Covilhã!
Viva a Liberdade!

“Celebrar
Abril também
pode ser
uma arma”

PUBLICIDADE



ABRIL
25
ANOS
COVILHA

Toda a informação em
www.cm-covilha.pt/25abril



MILITAR DE ABRIL

ANTÓNIO SENA

DEBUXADOR DA COVILHÃ AJUDOU A ABRIR AS PORTAS DE ABRIL

O então furriel, com 22 anos, integrou a coluna liderada por Salgueiro Maia e escoltou a chaimite Bula, após a rendição de Marcelo Caetano, até ao Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas

ANA RIBEIRO RODRIGUES

Era debuxador “nos Pimentéis”, mas foi com o fio da esperança como possibilidade, e o fim da guerra colonial como principal motivação, que António Sena, agora com 73 anos, ajudou a desenhar um padrão diferente de sociedade, quando, há 50 anos, integrou a coluna militar de Salgueiro Maia que deu o primeiro passo para depor o antigo regime.

O covilhanense, furriel miliciano e instrutor na Escola Prática de Cavalaria de Santarém, fez parte do grupo que sacudiu o medo de falhar, um mês depois do Golpe das Caldas não ter resultado, e ajudou a urdir o tecido com que se pavimentou a restauração da democracia em Portugal. Data que todos os anos celebra junto dos mesmos companheiros.

António Sena, durante toda a vida ligado ao associativismo e ao basquetebol, ficou no primeiro lugar no curso de atirador de cavalaria, o que lhe permitiu dar instrução e evitar a ida para a guerra colonial, o destino de quase todos os que formava e motivo geral de descontentamento.

Estava há dois anos na tropa, integrava o esquadrão de instrução, comandado por Salgueiro Maia, e soube antes da maioria que a noite seguinte podia ser determinante para as suas vidas. Para o bem, ou para o mal. De manhã, ainda sem saber do que se tratava, prepararam os carros para sair, mas antes de ir jantar já tinha conhecimento que o destino seria Lisboa e avisou um casal de amigos escalabitano.

Após ouvirem a primeira senha na rádio foram às casernas chamar os militares para um auditório e foi aí que “o Maia” fez o discurso galvanizador em que se propôs acabar com “o estado a que isto chegou”. Todos se voluntariaram e formaram na parada. O magnetismo do capitão era inspirador. “Era respeitado. Tinha uma personalidade e um ascendente que levava os outros a segui-lo”, considera António Sena. “Ninguém foi obrigado a ir, mas todos queriam ir. A dificuldade foi escolher 240” e o critério foi selecionar quem estava há mais tempo na tropa, “porque havia os que mal sabiam pegar numa arma”.

Tinha como missão, no 3.º pelotão de atiradores, com 20 pessoas, impedir o acesso ao Terreiro do Paço desde a Rua do Ouro e a Rua Augusta. De quico na cabeça, munido de uma G3, uma pistola e duas granadas à cintura, subiu “à Mercedes”, camião de transporte de tropas, onde a introspeção e a expectativa imperavam. Iam cabisbaixos. Com a incógnita no horizonte.

Com um carro à civil na frente da coluna de 25 veículos, a entrada em Lisboa decorreu sem contratemplos. A polícia de choque com que se cruzaram não os mandou parar. Tomaram posições e, à medida que a cidade acordava, foram sendo interpelados, explicavam que se tratava de um golpe militar e pediam para as pessoas se afastarem, mas cada vez se juntava mais gente.

Sena tinha “alguma mobilidade” e foi algumas vezes ao Terreiro do Paço, mas não se apercebeu dos momentos de maior tensão da operação Fim do Regime, ali e na Rua do Arsenal, quando os militares revoltosos estiveram na mira de uma fragata e quando um cabo se recusou a obedecer à ordem de disparar.

“Sentimos logo o apoio do povo”, com quem confraternizavam enquanto esperavam pelos desenvolvimentos. “As pessoas não estavam assustadas, só depois, no Carmo, quando houve a rajada. As pessoas sentiram que os militares estavam ali para fazer qualquer coisa em prol delas e todas as pessoas



O covilhanense participa hoje na recriação histórica, em Lisboa, da operação Fim de Regime, nas viaturas originais recuperadas

sofriam com a ditadura, estavam fartas da guerra, sabiam que os filhos iam lá parar”, acrescenta António, sentado na sua sala no Bairro do Rodrigo, com uma camisola da Federação Portuguesa de Basquetebol vestida.

Não se percebia muito de política, porque não se podia falar de política em público, refere o militar de Abril, mas o descontentamento era notório e ficou surpreendido com a “adesão tão forte do povo ao movimento”.

Ao final da manhã perceberam que os ventos eram de vitória e que o

objetivo era irreversível. A coluna foi dividida em duas. Uma parte para o quartel da Legião Portuguesa, a outra para o Quartel do Carmo, para onde se dirigiu o covilhanense, dentro da cabine, com muitos civis em cima e agarrados ao camião onde seguia.

Foi no Chiado que começou a ver vários cravos, sem perceber o motivo. O caminho para tentar a rendição de Marcelo Caetano e dos ministros que aí se refugiaram foi feito em marcha lenta, pelo meio de uma multidão que saiu em massa à rua e tornou o golpe militar numa revolução que “já era invencível”.

O jovem militar, com o curso de debuxador feito na Escola Industrial Campos Melo, levava ração de combate, mas, durante as horas passadas no Largo do Carmo, a população ofereceu pão, chouriço, presunto, “tudo e mais alguma coisa”.

“Se o povo não tivesse saído à rua, as coisas podiam ser diferentes. Se

“

Se o povo não tivesse saído à rua, as coisas podiam ser diferentes”



abrissem fogo contra nós, podia haver uma matança. Mas as pessoas abraçavam-nos, ovacionavam-nos, subiam aos carros, havia alegria na rua. Não era o ambiente que esperávamos quando saímos de Santarém. Quem é que estava à espera de uma coisa daquelas? Ninguém!", exclama António. As coisas estavam "a correr bem", mas a rendição tardava. Nesse período, era difícil conter a população, espalhada e empoleirada por todo o lado, por vezes a cantar o hino nacional.

Quando, ao final da tarde, Marcelo Caetano se preparava para sair, havia muita agitação, os militares fizeram um cordão para que a chaimite saísse e António Sena saiu do Carmo a escoltar a Bula até ao Posto de Comando, na Pontinha.

Numa página onde lia incerteza e risco, ajudou a escrever História. "Fizemos uma coisa que o povo português ambicionava, por isso é um momento

muito marcante na nossa vida", afirma. Pernoitou no Colégio Militar e, ao final do dia, sentiu "um alívio muito grande". "Era para o que desse e viesse. Correu bem, como podia correr mal", acrescenta.

Quando regressaram a Santarém, foram recebidos "em apoteose". Só nesse dia falou ao telefone com familiares. Mas, depois de terem desbravado caminho para o dia inicial, a vida seguiu normalmente no quartel e depois fora

“As pessoas abraçavam-nos, ovacionavam-nos, subiam aos carros, havia alegria na rua”



“Ninguém foi obrigado a ir, mas todos queriam ir”

António Sena tinha como missão impedir a passagem da Rua do Ouro para o Terreiro do Paço



dele, onde o debuxador ainda ficou até ao início do ano seguinte.

“O Maia incutiu-nos que os militares não queriam tomar conta do poder. Queriam criar condições para que houvesse um Governo eleito democraticamente”, vinca. Na vida civil vendeu livros, trabalhou na construção civil, numa empresa de máquinas, até regressar aos lanifícios, na Penteadora, onde esteve mais de vinte anos.

Nunca se quis “meter na política”. Considera que os eleitos tendem a olhar para o seu umbigo e a esquecer quem os elegeu. Sempre votou, no partido que, em cada momento, lhe parece a escolha mais adequada.

Sente ter feito “parte de um momento histórico” e tem orgulho nisso. O receio de retrocessos está presente, admite que nem sempre as coisas correm como o idealizado e defende que o que existe “é uma democracia para aperfeiçoar”, sem “deixar cair” conquistas,

como o SNS.

Enquanto observa, com os olhos claros, a cópia que lhe foi entregue há 50 anos do Relatório da Operação Fim de Regime, escrito em 29 de abril “pelo Maia”, um documento com uma capa em verde desmaiado e com as folhas que o tempo amareleceu, não tem dúvidas de que ajudou a construir “um Portugal diferente”.

Em meio século, afirma nunca ter sido chamado a participar em qualquer evento oficial na Covilhã alusivo à data ou para relatar o que viveu. As suas memórias serviram para a filha e os netos fazerem trabalhos para a escola. A convite do município de Santarém, como habitualmente, vai participar nas comemorações, uma saída do quartel e regresso simbólicos. Este ano, em Lisboa, volta a integrar a coluna liderada por Salgueiro Maia, numa recriação histórica agendada para esta quinta-feira.

EX-PRESO POLÍTICO

MANUEL QUINTEIRO GOMES

25 DE ABRIL FOI A MELHOR PRENDA DE ANIVERSÁRIO QUE RECEBEU EM 90 ANOS

Nascido e criado no Tortosendo, foi preso aos 29 anos na tinturaria onde trabalhava e foi torturado pela PIDE. Aos 40 anos, recebeu pela rádio a notícia mais desejada

ANA RIBEIRO RODRIGUES

Faz 90 anos no dia 25 de abril e há 50 anos chegou-lhe pela rádio o melhor presente de aniversário que recebeu em nove décadas, já depois de ter estado preso em várias cadeias do Estado Novo. “Nunca tive melhor presente”, acentua, ao NC, Manuel Quinteiro Gomes, nascido e criado no Casal da Serra, Tortosendo.

Havia os que nasceram com privilégios, os que, também não tendo uma boa condição, tinham algum cargo de chefia nas fábricas e muitos acabavam por adotar posturas autoritárias, comportamentos para sujeitar os restantes à submissão, e a maioria da população, trabalhadores dos lanifícios, viviam na miséria.

Filho de pai operário e mãe doméstica, Manuel não sabe quando começou a ganhar consciência de classe, mas as condições indignas com que

quase todos tinham de lidar sempre o incomodaram. “Se calhar, já nasci comunista”, diz. Quando, na década de 50, foi abordado por um camarada na fábrica, para o sensibilizar para a necessidade de os trabalhadores se organizarem e reivindicarem melhores condições de vida, quando muitos patrões ostentavam uma vida faustosa, já estava convencido.

Começou a receber e distribuir “a imprensa” clandestina, a “contribuir para o esclarecimento dos outros”, a envolver-se no comité local “do partido”, com grande implantação na então “vila vermelha”. Por altura do Natal de 1963 foram sendo presos vários militantes, um deles camarada na mesma fábrica, e Manuel Quinteiro, então com 29 anos, já esperava o pior. Planeou fugir, mas um grande nevão fez adiar o dia de atravessar a fronteira a salto e foi detido na Sociedade de Lanifícios do Tortosendo, com o dinheiro para o passador na carteira. Pediu a um primo que lhe guardasse os cartões da mulher, doente, para que fosse ao médico, e através desse expediente salvaguardou alguns documentos.

A GNR levou-o para o posto e, à noite, foi metido com outros numa carrinha para Lisboa. O objetivo era desmembrar a organização



“Nunca tive melhor presente”, diz, com um sorriso inteiro

comunista na região, que ficou muito debilitada. Na sede da PIDE foi sujeito à tortura do sono. Alucinava. Os nós da madeira “pareciam bichos a andar”.

Lúcido, com um pensamento estruturado e discurso escorreito, utiliza o humor para não responder

aos pormenores sobre o período na prisão. Insiste-se e deflete. Nova tentativa e comenta que aquelas são circunstâncias extremas e houve quem tivesse passado muito pior. “Tinham sido presos outros, eles já lá tinham todos os elementos necessários. Era confessar ou levar até dizer sim. Eu não tive os piores momentos”, frisa. “Não penso nesses momentos, porque são para esquecer”, acrescenta, com a certeza de que lhe continuam a ocupar a mente.

Ser comunista era crime e passou pelo Aljube, Caxias, Hospital Prisional São João de Deus e Forte de Peniche. Foi julgado num tribunal plenário no Porto, com sentença definida previamente “num julgamento fantoche”, com juízes “ao serviço da PIDE”. Foi condenado a 18 meses, esteve preso 38. Uma arbitrariedade como tantas outras.

Manuel Quinteiro prefere pôr em segundo plano os destroços da vida e lembrar as conquistas de Abril

EX-PRESO POLÍTICO



ANA RIBEIRO RODRIGUES

“

Ali atinge-se uma saturação em que deixamos de ser gente”

“Ali atinge-se uma saturação em que deixamos de ser gente, de ser gente pensante”, comenta. Com a mulher doente e dois filhos, de seis e nove anos, a maior preocupação era a família. Emociona-se. A voz fica trémula. Leva à cara a mão direita, onde faltam os dedos médio e anelar, perdidos ainda adolescente numa prensa na fábrica, quando era ajudante de máquina, desde os 12. Tinha avós que ajudavam, mas “também viviam na miséria”. Valeu-lhes o casal de professores dos filhos, que os acarinhou e apoiou, e a solidariedade dos restantes operários, que retiravam uma parte do seu salário para ajudar a família dos que eram presos. Uma quotização em que Manuel participava e de que veio a beneficiar. “Quem semeia, também colhe”, sintetiza.

Os meios e as distâncias não eram as mesmas de hoje. As visitas, quando permitidas, eram um grande encargo financeiro e logístico. A voz some-se e as lágrimas voltam a assombrar-se aos olhos de Manuel Quinteiro, apoiado numa bengala preta, quando menciona os 11 meses sem qualquer visita, em Peniche.

Na prisão os comunistas deparavam-se com a arrogância e o desprezo. Mas podia ser também uma escola “para se ficar mais consciente da situação”. Era também uma forma de se abstrair das preocupações e de se evadir das celas exíguas. “Eu sabia viver na prisão. Passava todas as horas disponíveis a ler e a escrever, para me esquecer do que se passava”, conta. Aprendeu com outros presos e saiu da prisão a ler e a falar francês. Tinha feito a terceira classe em criança, a quarta aos 24 anos e acabou mais tarde por completar o segundo ano de liceu.

Ficou sem o antigo emprego e disseram-lhe que dificilmente arranjaría, mas, com a intervenção de um outro militante, foi trabalhar como pesa-drogas na Fábrica Alçada,

funções que desempenharia durante 14 anos. Manteve a ação política, mas sem se expor, com maior discrição, porque “não podia dar nas vistas”.

A repressão de um regime que não permitia o direito à greve, que considerava qualquer posição divergente delito de opinião, que prendia, oprimia, era sufocante, mas o que mais incomodava Manuel era encontrar resistência daqueles que queriam defender, “que não compreendiam a nossa situação e alguns ainda criticavam o que fazíamos por necessidade de progresso”, lamenta. “Não o faziam por maldade, mas por ignorância”, analisa.

Quando, através do rádio que se ouvia do escritório da fábrica, foi acompanhando a evolução dos acontecimentos em Lisboa, sentiu que tinha chegado um novo dia. “Nem imagina a satisfação”, enfatiza o casaleiro, para quem o momento foi uma surpresa, mas não total, porque lhe tinha chegado a informação de que algo podia estar prestes a acontecer.

O 25 de abril é dia de aniversário, mas também de festa popular, em que participa. Olha para a revolução como um compromisso com “uma sociedade livre, amiga, saudável, solidária”. Um legado “para todos nós” que quer passar aos netos e bisnetos.

Com aparelho nos ouvidos, aproxima-se para dizer que “não há justificação para não se saber o que mudou há 50 anos e para se desconhecer o que representou uma ditadura de 48 anos”.

A visita diária à sede do PCP no Tortosendo faz parte da rotina, o partido que considera levantar “as questões mais pertinentes para os trabalhadores” na Assembleia da República. Os 90 anos vão ser celebrados em eventos coletivos, este ano a presidir à comissão das comemorações dos 50 Anos do 25 de Abril, com a esperança de que seremos “responsáveis” para não permitir que as sombras do passado regressem.

Manuel Quinteiro Gomes "O Enilha". 25-12-63
21/104

Altura 1,61 m
Cór. 1374000
Sinais particulares
Nacionalidade Portuguesa

Nome e alcunha Manuel Quinteiro Gomes "O Enilha"
Estado casado Profissão Pintor
Naturalidade Fátima, Beira Interior Data do Nascimento 25-12-63
Filiação António Gomes e de Francisca de Jesus Quinteiro
Residência Casal da Serra, Tortosendo

Outras indicações
Pol. 1689/63-1-31V
Número do processo de valores ou documentos apreendidos
Reg. 21104 Reg. 3383/63-1-31V

BIOGRAFIA PRISIONAL

DR

O que a revolução permitiu é um legado “para todos nós”

MANIFESTAÇÕES

1974

A LIBERDADE SAIU À RUA NUM DIA ASSIM



MANIFESTAÇÕES

ANA RIBEIRO RODRIGUES

Assim que, às primeiras horas da manhã, a maioria dos covilhanenses começou a ter conhecimento do golpe militar em curso em Lisboa, que viria a ter a adesão em massa da população e a tornar-se numa revolução, o movimento confluuiu para o centro da cidade, onde se foi juntando cada vez mais gente ao longo do dia. À medida que serviços, escolas e fábricas fechavam, maior o número de

peças no Pelourinho, para se inteirarem do curso das operações.

No dia seguinte, mais de cinco mil pessoas juntaram-se em frente à Câmara da Covilhã, onde a multidão manifestou o apoio à Junta de Salvação Nacional e o presidente do município foi destituído, embora o executivo tenha ficado em funções até ser nomeada uma comissão administrativa, em 7 de maio. A casa da Legião Portuguesa, na vizinha Rua Portas do Sol, foi encerrada.

Na chamada “vila vermelha”, juntaram-se mais de 1500 pessoas na principal praça do Tortosendo, uma “massa compacta” de gente, descrevia o NC, que ia interrompendo com vivas e aplausos os oradores.

No 1.º de Maio, que era proibido celebrar e passou a ser feriado, na Covilhã aglomeraram-se na Praça do Município mais de dez mil pessoas, naquela que foi a maior manifestação a que alguma vez

se assistiu. A Banda da Covilhã começou a percorrer as ruas logo pela manhã e, durante esse dia, “lia-se alegria em todos os rostos” e a “vasta praça” encheu enquanto se faziam intervenções em cima de uma camioneta de caixa aberta.

Pelas artérias do Tortosendo circulou no Dia do Trabalhador a Banda de Unhais da Serra e juntou-se um mar de gente exultante com o fim de uma noite escura de 48 anos e com as portas que Abril abriu.

FOTOS CEDIDAS POR: UNIÃO DOS SINDICATOS DE CASTELO BRANCO / PCP / ARQUIVO MUNICIPAL DA COVILHÃ



INVESTIGAÇÃO

ENTRE 1926 E 1974

COVILHÃ TEVE 510 PRESOS POLÍTICOS

LIBERDADE



Autores do livro querem que “a memória não seja esquecida nem branqueada”

Levantamento é provisório e inferior ao número real

ANA RIBEIRO RODRIGUES

No concelho da Covilhã há registo de 510 presos por motivos políticos durante os 48 anos de ditadura em Portugal. Um número provisório e abaixo da realidade, tendo em conta que muitos não têm processo e, à medida que a investigação prosseguir, se espera encontrar mais nomes.

Este é o resultado do levantamento

Atualização dos dados está muito dependente da abertura de mais arquivos, como os do Governo Civil, GNR ou PSP

feito por Casimiro Santos e António Rodrigues Assunção, ambos professores de História aposentados, que tiveram como base as ordens de serviço da PIDE e as fichas dos presos. O trabalho está vertido no livro “Lutaram e sofreram por Abril – resistência no concelho da Covilhã (1926-1974)”, apresentado dia 24 no Salão Nobre da Câmara da Covilhã, às 17:30, e dia 3 de maio no Unidos do Tortosendo, às 21:30.

Os operários dos lanifícios representam o maior número desses presos políticos, seguidos dos mineiros e

dos trabalhadores rurais, embora as detenções tivessem sido transversais a classes sociais e a profissões, ainda que os mais vulneráveis fossem o alvo mais comum.

António Assunção menciona as grandes greves de 1941 e 1946, em que se utilizou o método de prender uma grande quantidade de pessoas para acabar com as paralisações dos trabalhadores, proibidas na altura.

“Essas pessoas foram levadas como gado, foram torturadas em Caxias e esses nem processo têm, nem têm ficha, alguns até têm o nome errado

INVESTIGAÇÃO



ANA RIBEIRO RODRIGUES



Lembrar passado de repressão e opressão porque “não queremos voltar a ser oprimidos”

mais arquivos, como os do Governo Civil, GNR ou PSP.

António Assunção justifica o elevado número de prisões por a Covilhã ser um alvo de vigilância apertada da PIDE por ser um centro industrial com milhares de operários que viviam mal e por vezes se revoltavam por melhores condições, tal como a implantação do Partido Comunista no concelho, com células organizadas. Os salários eram muito baixos, as famílias numerosas, as casas insalubres e lotadas, as jornadas de trabalho muito prolongadas e “viam os filhos morrerem de fome”.

“A Covilhã foi um polo de resistência, não só pela grande massa de trabalhadores, mas por não ter sido gente submissa às condições de vida que tinha. Aqui lutaram pela melhoria das condições e também pela liberdade”, frisa Casimiro Santos, de 71 anos.

Ao longo dos 48 anos de ditadura, houve sempre detenções por motivos políticos, pelo que eram consideradas atividades subversivas, por delito de opinião. Casimiro Santos adianta que “há presos de quase todas as freguesias” do concelho da Covilhã.

Se nos lanifícios foram uma constante, nas minas a vigilância era imensa durante o auge da exploração, no II Guerra Mundial, dada a necessidade de volfrâmio e o preço a que era vendido.

Os assalariados rurais também foram “muito perseguidos”. Há registos em Vales do Rio, Dominguiço, Barco. Na década de 50 há movimentos significativos de camponeses, como em Verdelhos ou na Borracheira. Em 1958, os trabalhadores da Casa Garret, no Tortosendo, que trabalhavam de sol a sol e tinham de levar a enxada de casa, reivindicavam um horário diário de oito horas e

três escudos por jorna. O movimento estendeu-se às quintas das redondezas e foram levadas 18 pessoas num camião para o Aljube.

No início da ditadura, alguns presos políticos foram deportados para Timor ou Angola logo no dia seguinte à detenção. Nos anos 60, após a candidatura de Humberto Delgado à Presidência da República, que despertou a consciência cívica de muitos cidadãos e também de padres e católicos progressistas - ao contrário da cúpula da Igreja católica, “uma serventaria do regime” - e da contestação à guerra colonial, os métodos da polícia política refinaram-se, segundo os autores.

“O regime tremeu e aumentou a repressão e as capturas”, refere António Assunção.

A arbitrariedade era também uma marca da PIDE. Havia pessoas detidas para averiguações, sem prazos definidos, e a quem nem eram instaurados processos. As penas, aplicadas em

tribunais plenários, com sentenças já decididas pela polícia política, e não pelos juízes, tinham um prazo, mas que podiam depois serem prolongadas como medida de segurança por a pessoa pôr em perigo a segurança do Estado.

“Há pessoas que ficaram três meses, cinco anos a mais na cadeia e saíam em liberdade condicional e com vigilância apertada”, conta Casimiro Santos.

Os autores decidiram publicar o volume, de 800 páginas, “para trazer à lembrança a História daquele tempo, elucidar as gerações que não viveram no tempo da ditadura, para que a memória não seja esquecida nem branqueada”, salienta António Assunção.

Casimiro Santos considera importante mencionar “este passado tão doloroso para o povo português”, durante o qual tanta gente foi torturada e humilhada, “para nos lembrarmos que não queremos voltar a ser oprimidos”.

No livro, escrito em resposta a um desafio da União de Resistentes Antifascistas, que tinha uma lista com mais de 200 presos da Covilhã, há mais de cem páginas com resumos dos presos que têm processo organizado e ficha na Torre do Tombo, cerca de metade com foto, mais as listas dos que eram levados e só está registado o nome.

António Assunção assinala que as 510 pessoas referenciadas é um número que fica aquém do real, mas acrescenta que “a resistência são mais do que os que foram presos” e o concelho, neste capítulo, tem pergaminhos.

Os nomes até agora identificados foram projetados na fachada da Câmara da Covilhã na noite de dia 25, num espetáculo multimédia.

escrito” nas ordens de serviço da polícia política.

O historiador, autor de vários livros, admite: “não pensei que chegasse a haver 500 e tal, é um número muito significativo”. António Rodrigues Assunção sublinha que a investigação não para e que “certamente serão mais”.

Para Casimiro Santos, a quantidade de nomes a que já se chegou “revela o sistema policial repressivo e persecutório que existia” e vinca que a possibilidade de atualizar esses dados está muito dependente da abertura de

Operários dos lanifícios representam o maior número, seguidos dos mineiros e dos trabalhadores rurais, que também protagonizaram vários movimentos de contestação

OPINIÃO



ANA RIBEIRO RODRIGUES

“Abril e os Direitos das Mulheres”

GRAÇA ROJÃO*
DIRECTORA
EXECUTIVA
DA COOLABORA



Temos assistido ao ressurgimento de ideias que julgávamos enterradas há muito tempo. A direita ultraconservadora quis trazer para o debate público, exatamente nos 50 anos do 25 de Abril, propostas que configuram um retrocesso claro no percurso de conquista dos direitos humanos das mulheres. Ideias bafiantas como a criação do estatuto da dona de casa ou a proposta de recuo nos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, nomeadamente na legislação relativa à interrupção voluntária da gravidez, vieram à luz do dia.

A revolução abriu caminhos para todas as pessoas, porém, para as mulheres essas mudanças foram especialmente significativas. Foi conquistado o direito universal ao voto. As mulheres passaram a aceder a profissões que antes lhes estavam vedadas e puderam sonhar ser magistradas, militares, polícias ou diplomatas. Foi abolida a obrigatoriedade de autorização do pai ou do marido para cruzar a fronteira do país. Generalizou-se o acesso à educação e, se nos anos 70 perto de 60% das mulheres nunca tinha frequentado a escola, hoje vemos as mulheres em todos os escalões

de ensino, assumindo mesmo a liderança nalguns deles.

Diz-se que as sociedades não mudam por decreto, mas as mudanças que Abril imprimiu no nosso quadro legal geraram grandes avanços e contribuíram para legitimar as aspirações à igualdade.

Não queremos retrocessos, queremos ir mais longe no caminho para a igualdade, porque no trabalho remunerado há grandes disparidades salariais entre homens e mulheres, ainda que a população feminina tenha qualificações académicas mais elevadas. Nas pensões, as mulheres recebem muito menos que os homens devido à fragilidade das suas carreiras contributivas. Nos lugares de decisão, as mulheres estão pouco representadas. A violência doméstica e no espaço público continua a ter uma marca de género vergonhosa. As mulheres estão sobrecarregadas com o trabalho doméstico e de cuidados e Portugal tem uma das distribuições mais injustas da Europa. As famílias com rendimentos mais elevados conseguem comprar tempo, contratando outras pessoas ou externalizando serviços. As famílias que auferem menores rendimentos não podem pagar esses serviços. Esta distribuição injusta de responsabilidades domésticas e de cuidado pode ser atenuada com mais equipamentos de apoio social, mas isso não basta. É fundamental que também haja uma revolução dentro das nossas casas. De Abril queremos liberdade e queremos também igualdade porque ela significa uma vida mais justa para todas e todos.



“Abril a murchar”

DANIELA SANTIAGO
JORNALISTA DA RTP



Abril, o Abril que se comemora desde que existo está a desvanecer. A murchar como qualquer cravo murcha. A encher-se de humidade e bolor, de ferrugem e artrite, de pó e falhas de memória, numa velhice precoce, desleixada.

Poucos são os que, hipnotizados pelas redes sociais, pelo Google e inteligência artificial, sabem como era a vida, a sociedade, o país, antes dessa madrugada de mudança.

Já nem os manuais escolares leem. Valem-lhes os resumos que se exibem na internet, feitos por outros preguiçosos que copiaram resumos de outros que, infinitamente, copiam sem fim.

Sabem lá, como os direitos das mulheres, dos jovens, dos jornalistas eram castrados por homens censores, ditadores que, ao invés de desaparecerem para sempre, ressuscitam, agora, em corpos jovens e mentes velhas que se sentam no Parlamento português.

Almas penadas defendem que tudo é reversível, inclusive, tempos a que uns míseros portugueses ainda ambicionam regressar. Outros, que não fazem pávida ideia do que foi, ou é, viver em ditadura, quais macaquinhos-do-chinês, perseguem e imitam líderes populistas e extremistas, com propostas bolorentas embrulhadas em papel novo. São machistas, racistas, xenófobos, radicais... porque sim. Porque fazem parte dos descontentes do sistema, que deixaram de acreditar naqueles que sempre os governaram e nunca conseguiram responder às suas ânsias, desejos e necessidades.

50 anos depois de Abril, resta o demérito dos que não fizeram nada, porque podiam fazer muito pouco, o fracasso dos que fizeram pelo bel-prazer dos seus próprios bolsos (e dos amigos) e daqueles que não lutaram para ir contra o sistema. Mesmo que isso os terraplanasse.

Abril, 50 anos depois, sentado no hemicíclo, escolhido pelo povo, há quem defenda o retrocesso de lutas e do sofrimento de décadas. O fim de conquistas e liberdades individuais, de uma democracia que está cada vez mais ameaçada.

Foram escolhidos por nós. Os primeiros a ter obrigação de os repelir. Muitos de nós que sabemos o que foi Abril sem ir aos resumos da internet. Que sabemos o que é uma Chaimite, o lápis azul e a PIDE.

50 anos depois de Abril... o retrocesso faz-se um pouco por todo o mundo, mas nós, gente de cravos e de liberdade, nesta tempestade perfeita, devíamos ter vergonha de não remar contra a maré.

OPINIÃO

“Estado Novo”

JOSÉ ANTÓNIO PINHO
EX-PRESO
POLÍTICO



CAND. PELO MDP/CDE ÀS ELEIÇÕES DE 1973. MEMBRO DA COMISSÃO PARA AS COMEMORAÇÕES DOS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL NA COVILHÃ

Regime autoritário, policial, repressivo = Fascismo.

Autoritário. Porque o seu poder é exercido de cima para baixo e se confunde com o líder. Neste caso, Salazar, que decide e ordena. A existência de um só partido, a União Nacional, de onde saem, por nomeação, os deputados, presidentes de câmara e de freguesia.

Policial. Existência de uma polícia política, a PIDE, que minuciosamente dirige e controla toda a atividade dos cidadãos, tendo como suporte informativo uma rede de informadores pagos e dos chamados “bufos”, que delatavam todas as conversas contrárias ao regime.

Repressivo. Por intermédio das forças de segurança: PSP, GNR e brigadas da PIDE, que comandavam todas as forças policiais. Em 1936, foi criada a Mocidade Portuguesa, de inspiração nazi, de Adolfo Hitler. A sua continência era a mão direita estendida, à boa maneira fascista, com a finalidade de formatar as crianças a partir dos sete anos à obediência a Deus, Pátria e Família. A pretensão do regime era que fosse obrigatório a filiação de todos os jovens estudantes de ambos os sexos, sendo obrigatório o uso de farda onde a fivela do cinto tinha um grande S, lema de servir Salazar. O seu uniforme, a exemplo de outras juventudes europeias fascistas, eram camisas verdes e saias ou calças castanhas. Era usual nos desfiles de cerimónias oficiais entoarem: quem manda? quem manda? Salazar! Salazar! Salazar!

A Milícia Portuguesa era obrigatória para todos os estudantes após os 18 anos. A Legião Portuguesa, igualmente criada em 1936, era uma organização paramilitar, tendo como principal finalidade derrotar o comunismo. Na guerra civil de Espanha, muitos dos seus membros, como voluntários, combateram ao lado das falanges espanholas de Franco para combaterem as forças republicanas fiéis ao Governo legítimo de Espanha.

Considero o Estado Novo um regime fascista. Nasci em 1939. Cresci e vivi num país onde o medo imperava e onde Fátima, o Futebol e o Fado eram, para a maioria do povo, o único consolo e alegria. A canção que se cantava “numa casa portuguesa, fica bem, pão e vinho na mesa” definia bem a ideologia fascista

José António Pinho foi ajudado a escalar a varanda do Palacete-Jardim, onde arreou, no dia 26 de abril, a bandeira do Ministério das Corporações



de trabalhar de sol a sol, onde os salários de miséria bastavam só para comer.

Era um poder exercido com a bênção da Igreja Católica, religião predominante em Portugal. O seu líder, Cardeal Cerejeira, escreveu: Deus enviou Salazar para salvar Portugal do comunismo.

O regime oprimia e recusou-se, até 1974, conceder a independência aos povos africanos, enviando para uma guerra injusta centenas de milhares de jovens portugueses, onde dezenas de milhares morreram e centenas de milhares regressaram estropeados.

Na maioria das cidades, só se estudava até ao quinto ano. Havia apenas três universidades, no litoral: Lisboa, Coimbra e Porto. Uma única autoestrada de 20 quilómetros, de Lisboa a Vila Franca de Xira. Não existia liberdade de falar e escrever algo que não fosse para elogiar. A PIDE prendia, torturava e assassinava. Existia um país amordaçado.

Até que, em 25 de Abril de 1974, os capitães, com as suas chaimites, invadiram Lisboa, ocuparam o Terreiro do Paço, o povo saiu à rua e as mulheres deram aos soldados cravos vermelhos, que os colocaram nas espingardas.

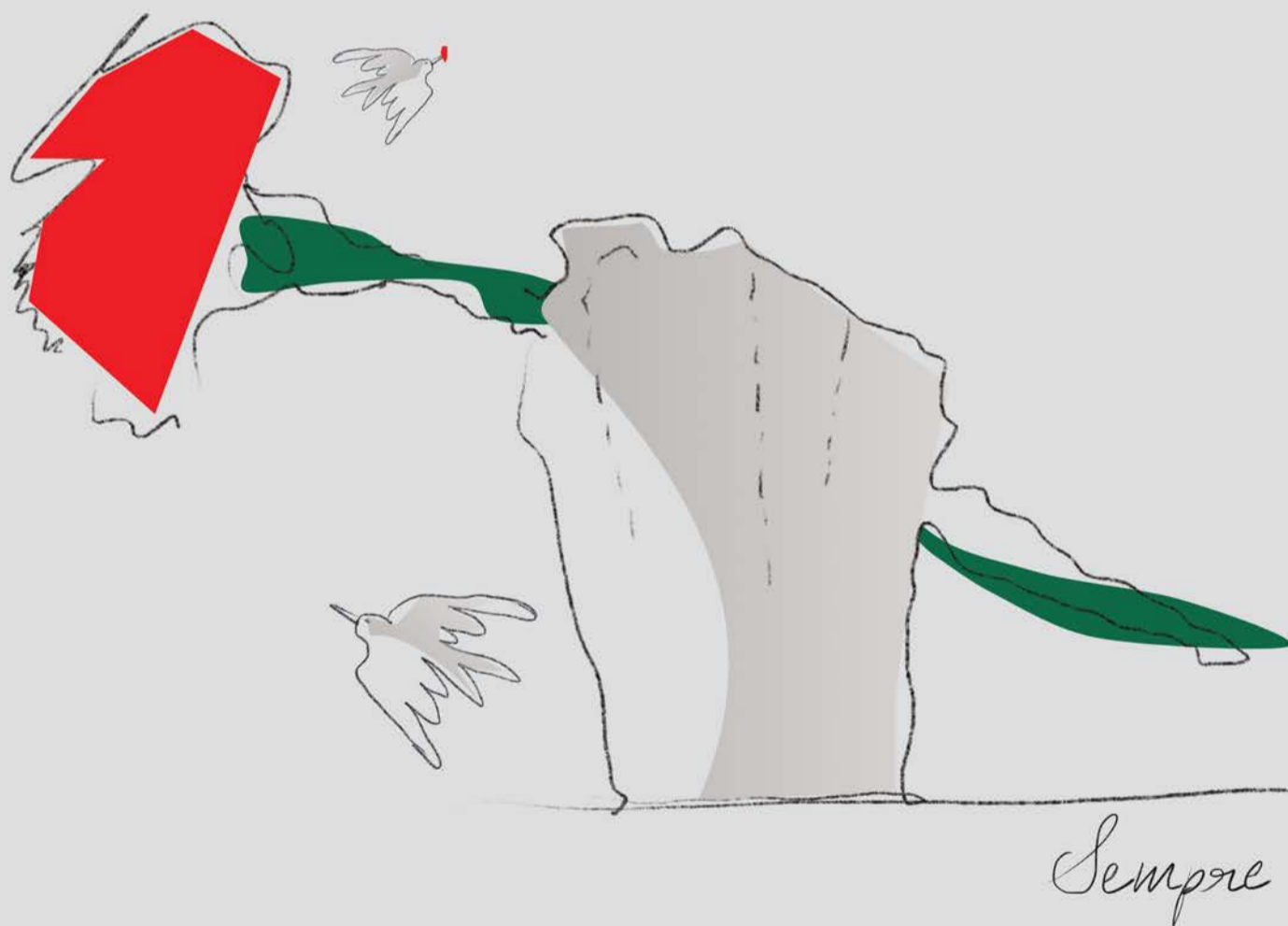
25 de ABRIL

50 ANOS

Documento Livre de **Censura**

TODOS OS QUE FORAM SILENCIADOS
PODEM AGORA FALAR LIVREMENTE.
MORREU A CENSURA. VIVA 25 ABRIL!

19
74



TESTEMUNHOS

ISABEL DO CARMO

Atenção aos sinais de retrocesso

ANA RIBEIRO RODRIGUES

“Eu nunca julguei que se voltassem a dizer estas coisas”. A afirmação, feita na Covilhã, é de Isabel do Carmo, médica endocrinologista de 83 anos, que integrou na década de 60 o PCP, foi prisioneira política, fundou as Brigadas Revolucionárias e foi líder do PRP.

Isabel do Carmo considera existir “um risco real” de retrocesso de direitos conquistados, nomeadamente relativamente à mulher, embora entenda que as conquistas de Abril, como a liberdade, a alfabetização da população, existirem mais mulheres nas universidades, tenham criado uma estrutura que torne muito difíceis eventuais recuos nos direitos.

A médica alerta que há sinais a que se deve estar atento e considera ser necessário os democratas organizarem-se, “mas com os meios deles, não com discursos”. A ativista menciona “a avalanche” de forças radicais de direita na comunicação social, nas redes sociais e nas plataformas digitais e considera que deve ser utilizando os mesmos métodos que se combatem ideias como a superioridade dos brancos, tratar mal os imigrantes ou a ideia de família em que a mulher é sempre inferiorizada.

“O 25 de Abril não passou uma esponja sobre as características da sociedade”, frisa a antiga militante clandestina, que não olha para os 50 deputados do Chega como fascistas, embora veja alguns como “ideologicamente e profundamente enraizados no pensamento fascista”.

Isabel do Carmo sublinhou que, após o 25 de Abril, a palavra fascista foi utilizada por vezes gratuitamente, como insulto, se banalizou e isso “pode ter agora repercussões”, por exemplo quando “se nega o carácter fascista da ditadura”, alertando que tal se baseia em bases científicas, mas que teve aspetos diferentes nos diferentes países e “tem uma raiz ideológica”.

“Devemos estar atentos, porque não é uma palavra vazia, é uma palavra que tem conteúdo. Tem conteúdo histórico, tem ideias implícitas e nós temos mesmo, agora, neste momento, de começar a combater essas ideias”, preconiza.



ANA RIBEIRO RODRIGUES

Isabel do Carmo e Aurora Rodrigues visitaram a Covilhã

AURORA RODRIGUES

Heróis são a gente comum que se insurge

ANA RIBEIRO RODRIGUES

Não há heróis. São as pessoas comuns que, perante acontecimentos ou circunstâncias determinantes, “quebram a inércia e dão um passo em frente pela defesa do bem comum”. Aurora Rodrigues, de 72 anos, torturada aos 21 pela PIDE e opositora ao Estado Novo, recusa o epíteto de heroína que lhe atribuem, porque “se acharmos que só os heróis é que resistem, então ninguém faz nada” e considera que todos temos essa obrigação.

Com pronúncia alentejana acentuada, a magistrada aposentada, de visita à Covilhã, onde esteve em escolas e na Coolabora, disse existir um legítimo descontentamento das pessoas com o que observam, mas defendeu que a revolta tem de ser no sentido de obrigar a aperfeiçoar a democracia e a melhorar os problemas de que a sociedade enferma.

O que está a acontecer, nomeadamente com o crescimento de forças de direita radical populistas, e de vozes que se começam a fazer ouvir a apelar a retrocessos dos direitos das mulheres, é “uma revolta caótica”, para a qual encontra “imensos motivos”, mas alertou que esse descontentamento não deve fazer as pessoas escolher “uma coisa pior”, porque “a democracia pode e deve ser aperfeiçoada, admite mudança, ao contrário das autocracias”.

“De certo modo, está a existir uma revolta caótica, e a revolta não pode ser caótica”, analisou a antiga presa política, sujeita durante “16 dias e 16 noites” à tortura do sono, menstruada e sem poder fazer a higiene básica. Uma forma de humilhação,

considera. Também passou pelo “afogamento” e pelos espancamentos, por não concordar com um Portugal amordaçado e em ditadura.

Aurora Rodrigues, que um patrono permitiu continuar os estudos e que, na Faculdade de Direito, ouvia os professores dizerem que as mulheres “não tinham fortaleza de ânimo” para a frequentarem, “mas tinham para serem torturadas, a hipocrisia do regime fascista”, apela aos partidos políticos para “saírem das suas bolhas”, não viverem entre si nem beneficiarem quem é do aparelho e ouçam quem representam, trabalhem para uma sociedade igualitária, em que exista maior justiça social e menos privilégios apenas para alguns.

“Nas democracias, os governantes têm de saber ouvir os governados, as preocupações e exigências da população. De certo modo, houve uma arrogância do poder que afastou as pessoas”, disse a magistrada, ao NC.

Aurora Rodrigues frisou que existe hoje uma revolta não organizada nem pensada, porque houve muita desinformação, muita manipulação de quem tinha dinheiro para o fazer e as pessoas ouviram muitas mentiras e acreditaram nelas, além de constatar que “a generalidade das pessoas desconhece o que foi a ditadura”.

A magistrada oriunda de uma família pobre do Alentejo espera e deseja que os tempos sombrios de outrora não se repitam. Se acontecer, “são as pessoas comuns que vão resistir, aquelas que hoje talvez ainda não tenham entendido o perigo em que estão, porque há alturas na vida em que a consciência desperta”. No seu caso foi quando, sentada na cadeira ao lado, viu um PIDE tirar a arma do bolso e disparar sobre o amigo Ribeiro dos Santos.

HOMENAGENS

TORTOSENDO

PRESOS POLÍTICOS PERPETUADOS EM MEMORIAL

Junta de Freguesia lembra os que sofreram com a opressão e a perseguição da PIDE

ANA RIBEIRO RODRIGUES

Para que o esforço dos resistentes ao Estado Novo e, em particular, dos muitos presos políticos do Tortosendo não fique esquecido, a vila vai ter, a partir de hoje, dia em que passam 50 anos sobre o 25 de Abril, um memorial. A peça é inaugurada esta quinta-feira, às 18:00, na rotunda junto ao Jardim de Infância do Centro de Assistência Social do Tortosendo.

A Junta de Freguesia da que era conhecida como “vila vermelha”, promotora da iniciativa, frisa que o memorial é uma homenagem a muitas pessoas que ofereceram às mais recentes gerações a liberdade, um símbolo da importância que a vila teve na oposição à ditadura e um gesto de preservação da memória coletiva.

“Queremos que a memória do que foi o 25 de Abril não se apague”, disse ao NC o presidente da autarquia local, David Silva, que acrescenta estarem previstas ações durante todo o ano dentro dessa mesma lógica.

O presidente da Junta de Freguesia do Tortosendo salienta que a intenção é perpetuar a consciência de que “esta liberdade que hoje temos se deve ao 25 de Abril e a muitas pessoas” da vila e tem também o intuito de a data não ficar esquecida com o tempo e não passe a ser “só mais um feriado”. “Que fique ali marcado em reconhecimento do que estas pessoas sofreram e, acima de tudo, para que daqui a 50 anos todos possam lembrar que houve pessoas como estas, que lutaram pela nossa liberdade”, destacou.



A queda de uma ditadura de 48 anos foi celebrada efusivamente na então “vila vermelha”

“Tivemos aqui muita gente ligada aos lanifícios, gente que sofreu na pele o que era duro trabalhar nos lanifícios e que sofria a opressão e a perseguição por parte da PIDE”, referiu o autarca.

Também hoje é inaugurada, na Casa da Vila, a exposição “50 Anos de Abril” e está agendada uma homenagem aos antigos combatentes da Guerra Colonial.

Às 00:15 teve início a habitual Arruada da Liberdade, acompanhada da Banda Filarmónica de São Jorge da Beira, realizou-se o almoço popular comemorativo no CPT Pinhos Mansos.

Na quarta-feira, 24, durante a manhã, estava previsto cerca de cem crianças dos jardins de infância e das escolas do primeiro ciclo, vestidas com as cores da bandeira nacional, saírem em direção à Casa da Vila e, no caminho, distribuírem cravos, “para envolver” os mais jovens nas comemorações. Os mais novos vão fazer um mural, recriar a bandeira nacional e um cravo gigante.

“Queremos envolvê-las para que as crianças não possam esquecer. Para que percebam que hoje somos livres porque houve alguém que lutou pela liberdade”, enfatizou David Silva.

Às 18:00, no Unidos do Tortosendo, coletividade considerada “uma universidade” para muita gente, foi inaugurado na quarta-feira a instalação “Sentir Abril” e às 22:00, no auditório da agremiação, realizou-se o espetáculo musical “50 Anos de Abril”, seguido da concentração da população junto ao Monumento aos Combatentes, à meia-noite, onde foi lançado fogo de artifício.

POEMA

“SONHO REVOLUCIONÁRIO”

*Nós tivemos pouca sorte
Nós tivemos muito azar
Em sermos tão massacrados
Por António Salazar*

*O Salazar faleceu
Mas ficou o Tomás
Que convidou o Caetano
Para ser o capataz*

*Continuámos a sofrer
E a meterem-nos o urso
Aqueles dois juntinhos
Enfiavam-nos o garruçó*

*Mas soubemos esperar
Dia a dia ano a ano
Até pegarmos os bibes
Do Tomás e do Caetano*

*Oprimidos pelos fascistas
Como a solipa pelo carril
Valeu a pena despertar
Mais cedo em 25 de Abril*

(...)

*Democracia verdadeira
Unidade pura e sã
É o que pedem os cidadãos
Do concelho da Covilhã*

ANTÓNIO RAMOS DUARTE
Dominguizo / 1974

“

Queremos que a memória do que foi o 25 de Abril não se apague”

GUIA

AGENDA CULTURAL

PINTURA DE FERNANDO SIMÕES

■ Patente na galeria a exposição “Fernando Simões: 45 anos de pintura”, deste artista natural do Peso. São 30 telas com várias técnicas de pintura que assinalam mais de quatro décadas de produção de arte deste pintor.

→ Galeria António Lopes, até 12 de maio



CMI

“MURAIIS DE ABRIL”

■ Pode ver na Idanha a exposição fotográfica “Murais Artísticos de Abril”, de Conceição Neuparth, que pertenceu à resistência contra a ditadura. Uma mostra composta por uma seleção das fotografias que compõem o acervo “Coleção de Conceição Neuparth”, cedidas pela Universidade de Coimbra. → Centro Cultural Raiano, até 2 de junho

A NÃO PERDER

CRISTINA BRANCO CANTA ZECA AFONSO

27
ABR.

21:30
TMC

■ No próximo sábado, o TMC celebra os 50 anos da Revolução dos Cravos com o espetáculo “Abril – Cristina Branco canta José Afonso”. Cristina Branco revisita ao vivo o álbum “Abril”, homenagem a uma das maiores figuras da música portuguesa, José Afonso (Zeca Afonso), editado em 2007, ano em que se assinalavam 20 anos da morte do cantor. Neste concerto no TMC, a cantora irá visitar temas emblemáticos como “Menino d’Oiro”, “Venham Mais Cinco”, “Redondo Vocábulo”, “A Morte Saiu



AUGUSTO BRAZIO

à Rua” ou “Índios da Meia Praia”. “Uma experiência ao vivo absolutamente inesquecível que conta com um grupo de músicos excepcional” explica o TMC. Ricardo Dias no piano, Bernardo Moreira no contrabaixo, André Sousa Machado na bateria e Mário Delgado na guitarra elétrica acompanham a artista. Para Cristina Branco, “regressar a “Abril” é uma manifestação autêntica do respeito e admiração por Zeca Afonso e dá o mote perfeito para celebrar os 50 anos do 25 de Abril e a liberdade”.

CONCERTOS

DILLAZ, PAPPILON OU NININHO

■ São várias as ofertas, no que toca a concertos, este fim-de-semana. Amanhã, sexta-feira, 26, em Castelo Branco, no âmbito da Semana Académica, pode ver o rapper Dillaz atuar no Campus da Talagueira. Também amanhã, mas em Belmonte, nas Festas do Concelho, pode ouvir música com sonoridades ciganas com Nininho Vaz Maia, no pavilhão gimnodesportivo da vila. No sábado, em Castelo Branco, mais dois nomes fortes do hip-hop nacional: Papillon e Kappa Jotta.

→ sexta-feira, 26, e sábado, 27, Belmonte e Castelo Branco



DR

MÚSICA

JACQUI NAYLOR NO FUNDÃO

■ A cantora e compositora norte-americana sobe sábado ao palco da Moagem- Cidade do Engenho e das Artes, no Fundão, com o concerto “The Long Game”. Naylor é conhecida pela capacidade de interpretar um repertório diversificado, reunindo músicas de diferentes géneros e

gerações. Em “The Long Game”, os “arranjos jazzísticos etéreos de clássicos do rock de David Bowie, Peter Gabriel e Coldplay vivem confortavelmente ao lado de standards latinos que podem ir de Kurt Weill e Charlie Chaplin”. Todo este trabalho de escrita,

composição e produção é desenvolvido por Art Khu, músico que acompanha Jacqui Naylor. A entrada terá o custo de 10 euros para o público em geral. Para estudantes e maiores de 65 anos o preço do bilhete será de sete euros.

DR

O PAÍS E A IBÉRIA

VÍNCULO ATLÂNTICO

FORO LA TOJA

O Foro reuniu quatro líderes políticos que foram decisivos para a transição democrática

FRANCISCO FIGUEIREDO

Os dois polos da energia ibérica, e O Vínculo Atlântico. O mundo não é mais do que um lugar. Grande, mas um lugar. Caro, muito caro, mas um lugar. Por vezes muito mal frequentado, mas ainda assim um lugar. E onde a paz parece não ter lugar. E apesar de tudo isto, este lugar, dá-nos um mundo de possibilidades. Desde logo um local. Tonificando – dando-lhe acento, vamos lá - o “o” de local estamos em Espanha. “Sí, a ellos, a los

españoles les gustan mucho los locales”. E nós, os outros, partilhamos com os nossos vizinhos, a vontade de em conjunto construirmos uma Grande Ibéria. É um grande território, tem feito a história lado a lado, até na forma como se democratizou.

É neste quadro de cooperação entre Espanha e Portugal, que o Foro La Toja privilegiou de novo Lisboa, para que em conjunto os dois países possam olhar para os caminhos que devem percorrer, e em particular a ligação ao Atlântico, que os oceanos abrem em permanência. São estes os percursos que a Europa deve traçar, e que colocam a Ibéria na dianteira, removendo obstáculos, cruzando mares, alargando horizontes, estendendo as

“

Foi a agricultura espanhola que atrasou a entrada de Portugal na CEE” - Felipe Gonzalez



FORO LA TOJA



Cooperação entre Portugal e Espanha juntou quatro ex-líderes políticos dos dois países

mãos à Ibero – América. Sem dúvida uma causa conjunta com uma visão global. Transversal ao (s) debate (s), o regresso da Democracia à Península Ibérica e o papel conjunto na construção europeia.

Não é todos os dias que se juntam à mesa da discussão quatro líderes políticos que governaram Portugal e Espanha e foram decisivos para a transição democrática. Pinto Balsemão, Felipe Gonzalez, Mariano Rajoy e António Costa, em o mais esperado dos painéis. Mas já lá vamos, porque bem cedo, este 9 de Abril na Fundação Calouste Gulbenkian, “paredes meias” com a Embaixada de Espanha em Lisboa, abriu com a diplomacia, com destaque para a mensagem de Marcelo Rebelo de Sousa, o Presidente de Portugal, avançou para o



FRANCISCO FIGUEIREDO

O PAÍS E A IBÉRIA



FRANCISCO FIGUEIREDO

crescimento económico em contexto de cinco décadas de progresso, e mostrou como esse passo pode ter a ignição em fortes lideranças nas cidades. O seu papel na transformação social, foi o que trouxeram Carlos Moedas, Rui Moreira e Jaume Collboni, Alcalde de Barcelona. Uma ideia de cidade, e uma visão do novo mundo. Melhorar a qualidade dos espaços públicos é hoje primordial, e talvez um dos maiores desafios da humanidade. Idealizar e construir cidades inclusivas, saudáveis, funcionais e produtivas. Tenham elas o tamanho que tiverem. Tornar as comunidades desenvolvidas e felizes. Para tal, não há como fugir. Lideranças fortes e criativas transformam cidades em locais bem sucedidos, e promovem felicidade nas suas gentes.

DESAFIOS EUROPEUS POR ALCANÇAR

E depois é isto. Espanha e Portugal sabem bem da necessidade urgente de fortes investimentos na eficiência energética, vislumbrando um futuro infraestruturado no domínio das renováveis, dotando as redes ibéricas de inovação, e do mesmo modo visando mecanismos de sustentabilidade e de solidariedade, energéticas. Sem perder de vista o papel na Europa, mas unindo esforços e contribuindo para a soberania energética na Península Ibérica.

Ora, sempre a pensar numa União

Europeia mais forte, com o empenho das duas comunidades ibéricas cuja adesão se deu no mesmo momento. Em parte, como fez questão de recordar Felipe Gonzalez, pela forma como Espanha condicionou o processo, atrasando a entrada de Portugal que tinha concluído as negociações graças ao trabalho do grande “europeísta” que foi Mário Soares. “Foi a agricultura espanhola que atrasou a entrada de Portugal na CEE”, disse, sem “papas na língua” o antigo presidente do governo espanhol.

Continua bem patente que os desafios europeus por que tanto lutam portugueses e espanhóis estão por alcançar, e este vínculo atlântico, geográfico e cultural, que se tem defendido nas várias edições do Foro La Toja, tem conseguido através da promoção da reflexão, encurtar caminhos para que cheguemos lá. Para que com valores comuns, tenhamos democracias plenas, marcadas de igual modo pela defesa inequívoca dos Direitos e Liberdades.

O FORO LA TOJA



FORO LA TOJA

Vínculo Atlântico nasceu há cinco anos na Galiza, e tem em Amancio López, Presidente do Grupo Hotusa, o mentor do projecto que realizou a segunda edição na capital de Portugal



FRANCISCO FIGUEIREDO

BELMONTE

TORRE DE CENTUM CELLAS

AUTARCA REJEITA CRÍTICAS À INTERVENÇÃO FEITA

Obras de requalificação do monumento nacional, e novo centro interpretativo, são inauguradas amanhã. Vereador do PSD não gostou da intervenção. Dias Rocha garante ter sido feita pelos “melhores” técnicos do país, e lembra que torre estava em risco de queda

JOÃO ALVES

“Não gostas da Torre? Preferias que caísse? És um estudioso”. Foi assim que na passada quinta-feira, 18, durante a reunião pública do executivo, o presidente da Câmara de Belmonte, António Dias Rocha, respondeu ao vereador do PSD, José Mariano, que criticou a intervenção feita na Torre de Centum Cellas, que foi objeto de obras de consolidação e preservação, que custaram cerca de 800 mil euros, comparticipadas em 85 por cento por fundos comunitários.

“Fui ver e não gostei” disse Mariano, sobre uma obra que é inaugurada amanhã, sexta-feira, 26, às 16 horas, no âmbito das comemorações do Dia do Concelho. Com a presença do secretário de Estado do Turismo, Pedro Machado.

Ao lado da Torre “nasceu” também o novo Centro Interpretativo, que também é inaugurado amanhã e que terá conteúdos multimédia, bem como objetos encontrados nas diversas escavações ali realizadas, e que ajudarão a explicar o que foi este Monumento Nacional, sobre o qual recaem diversas teorias, mas poucas certezas.

António Dias Rocha garante que na consolidação da Torre estiveram “os técnicos mais qualificados nesta área, do país” e duvida que pudesse haver outro tipo de intervenção melhor do que a que foi feita. “O que haveria de ser se a Torre de Centum Cellas caísse” perguntou, face ao estado em que estava, com o risco de diversas pedras de grande dimensão caírem.

Carlos Afonso, vereador da CDU, por seu lado, diz ter gostado “muito” do trabalho feito. “E gosto, essencialmente, porque aquilo estava em perigo de ruir. Se não fosse feito o trabalho de fundo que foi feito, aquilo



“

O que haveria de ser se a Torre de Centum Cellas caísse?”

caía. Não queria, no século XXI, que um monumento que tem mais de dois mil anos, caísse” disse. O vereador lembrou ainda que o atual aspeto (torre mais clara) é normal face aos trabalhos realizados. “Evidentemente que as pedras foram lavadas. As pedras quando lá foram colocadas, há dois mil anos, tinham aquela cor. A Torre, com todos os defeitos, recuperou a traça original” afirma.

Dias Rocha já tinha revelado a sua satisfação com a recuperação do monumento. “Ficou muito bonita, sem risco de ter problemas” disse, lembrando o investimento avultado do município nesta intervenção. “Espero que seja muito visitado” deseja. O autarca garante que, com o trabalho feito na envolvente, hoje a Torre tem melhores condições de visita do que tinha anteriormente.

A Torre de Centum Cellas tem suscitado as mais diversas teorias e originado variadas lendas. Uma das versões aponta que o monumento

teria sido uma prisão com cem celas, daí derivando o nome Centum Cellas, onde teria estado cativo São Cornélio, razão pela qual também é conhecida pelo nome de Torre de São Cornélio. Há várias teses sobre o uso do monumento, desde templo, prisão ou albergaria, mas a sua história continua em estudo. Desde 2020, por delegação do Ministério da Cultura, a Câmara gere o espaço, no âmbito do processo de descentralização de competências.

HOMENAGENS NA SEXTA-FEIRA

As festas do concelho já arrancam na vila. Na sexta-feira, 26, de manhã, na sessão solene comemorativa, o município distingue três associações (Agrupamento de Escuteiros, União Desportiva de Belmonte e Associação de Juventude de Maçainhas), cinco personalidades (Antoneta Garcia, Manuela Carvalho, Mário Duarte, José Manuel Vieira e Manuel Cameira), e a vila de Caria, pelos seus 100 anos de existência. A Câmara irá

Aspeto “mais limpo” da Torre, e intervenção exterior, têm suscitado algumas críticas, mas autarca garante que técnicos que a fizeram eram os “mais qualificados”

ainda distinguir os melhores alunos do Agrupamento de Escolas (Prémio Pedro Álvares Cabral).

Em termos musicais, Nininho Vaz Maia é, este ano, o cabeça de cartaz, atuando no pavilhão gimnodesportivo no sábado, 27, à noite. Nesse dia atuam também Gooze House Band e o artista local, Virgílio Faleiro. A entrada custa cinco euros.

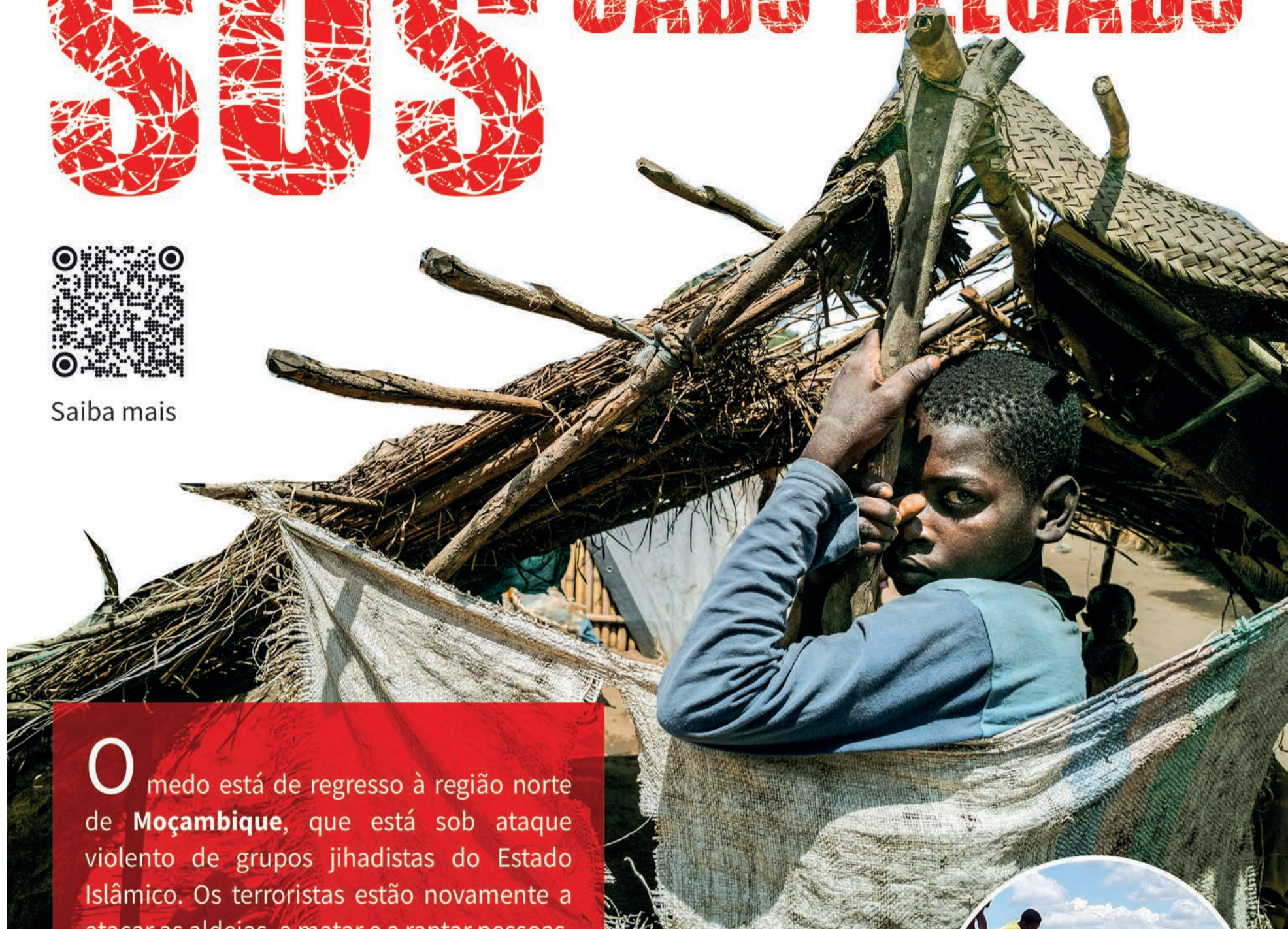
Esta quinta-feira o espetáculo é assegurado pelos TriVenção e DJ Seco, com ingresso a custar dois euros. Na sexta-feira, 26, o palco é ocupado por artistas como Tiago Silva, o brasileiro Marcos Val e o DJ Maximus. Três euros é o preço da entrada. À venda estará também um bilhete geral de dez euros que dá acesso a todos os espetáculos musicais.

No dia 27 (sábado), de manhã, destaque para o Mercadinho Belmontino, que se realiza no Multiusos. No último dia (domingo, 28), estará presente pelas ruas da vila o Camião SIC do programa “Domingão.”

SOS CABO DELGADO



Saiba mais



O medo está de regresso à região norte de **Moçambique**, que está sob ataque violento de grupos jihadistas do Estado Islâmico. Os terroristas estão novamente a atacar as aldeias, a matar e a raptar pessoas, a queimar casas e a destruir dezenas de capelas. A situação é catastrófica no plano humanitário. **“Precisamos de socorro! Neste momento, o povo precisa de comida, de cobertores, de abrigo...”**, diz-nos o Padre Kwiriwi Fonseca.



O Bispo de Pemba, D. António Juliase, pede-nos ajuda.

“Não podemos ficar sem fazer nada...”

VAMOS AJUDAR?



Tel: 918 125 574

Montante: **o que desejar**

Descrição: SOS Cabo Delgado



Entidade: 21244

Referência: 555 555 555

Montante: **o que desejar**

Por favor, comunique-nos o seu donativo

217 544 000



Fundação AIS

ACN PORTUGAL

apoio@fundacao-ais.pt

www.fundacao-ais.pt

DESPORTO

NOVA DERROTA FRENTE AO BRAGA B

A SINA DO COSTUME

Após uma primeira parte sem sabor, o Sporting da Covilhã fez um segundo tempo de grande qualidade, desperdiçou muitas oportunidades, e acabou por sofrer o golo da derrota nos descontos

JOÃO ALVES

Agora, é oficial: o Sporting da Covilhã (se é que ainda alguém pensava nisso) está matematicamente fora das contas de promoção à II Liga esta temporada sendo que, na próxima época, terá que preparar melhor a sua participação na Liga 3, caso queira voltar ao futebol da Liga de Clubes. A ver vamos se com Francisco Chaló, ou não, sendo certo que, desde que Alex Costa saiu, mesmo não havendo resultados positivos, a qualidade do futebol covilhanense subiu. Bastante.

O passada sábado, de manhã, foi prova disso. Pelo menos, na segunda parte, na qual os serranos desperdiçaram imensas oportunidades que lhe teriam dado um primeiro triunfo na fase de promoção da Liga 3. Que, diga-se, teria sido justo. Mas nos descontos, o Braga B, que luta pela subida, foi feliz, marcou e trouxe de novo aos serranos a sina do costume: sofrer golos nos instantes finais. Há mais 90 dias que o leão da serra não sabe o que é vencer, altura em que ganhou frente à Académica, na penúltima jornada da fase regular.

Na primeira parte, as duas equipas foram-se anulando mutuamente. O Braga B chegou, em algumas fases, a ter mais bola, mas nunca criou perigo. Já o leão da serra, organizado, poucas chances dava ao seu adversário, mas também não fazia melhor no ataque. Aliás, o primeiro e único remate enquadrado dos serranos na primeira



Há mais de 90 dias que o Sporting da Covilhã não ganha um jogo

parte foi de Michel, aos 33 minutos. Quando se jogava o último minuto dos primeiros 45, o Braga B marcou. Jogada individual de Mathys Marie na direita, cruzamento, e Yan Said, de cabeça, a antecipar-se a Makaridze e a faturar.

No segundo tempo, o Sporting veio melhor. Bem melhor. E as mudanças logo operadas por Chaló deram mais dinâmica ofensiva à equipa. Gildo e Bruno Figueiredo ficaram nos balneários, José Pereira e Diogo Ferreira entraram para as alas, e deram andamento. E aos 55 minutos, o Covilhã empatou.

Cruzamento da esquerda, de Michel, e Elijah, com um pontapé acrobático, meio à bicicleta, a marcar o seu primeiro golo nesta fase da prova.

Aos 63 minutos, o Braga quase marcou. Contra-ataque bem conduzido por João Vasconcelos (um grande valor a seguir), bola em Yan Said, triangulação com Kelvin que, em boa posição, remata à baliza com Gilberto, em cima da linha de golo, de cabeça, a substituir Makaridze, e a impedir a bola de entrar.

Um aviso sério aos serranos, que voltaram à carga. Aos 66 minutos, José

Pereira aproveitou um erro de Nuno Matos para surgir na cara do guarda-redes bracarense, Bernardo Fontes, e rematar, para defesa atenta do mesmo que, três minutos depois, faria nova grande intervenção, após remate com selo de golo, fora da área, da autoria de Renato Soares. Na sequência do canto, nova tentativa de Renato, nova defesa atenta de Fontes, de novo pela linha de fundo.

Mas as jogadas de perigo eram constantes. Aos 78 minutos, bom contra-ataque com Elijah a soltar em Diogo Ferreira que, na área, trabalha bem, mas remata de pé esquerdo por cima; um minuto depois, nova jogada individual de Renato Soares, a furar na área, mas a rematar frouxo à figura do guarda-redes bracarense; e aos 80, o maior falhanço dos serranos. Uma bela jogada de contra-ataque, conduzida por Traquina, que meteu na área em Diogo Ferreira que, com um toque de habilidade, tirou da frente defesa central e guarda-redes bracarense, e com a baliza aberta, de pé esquerdo, atirou em arco, mas ao lado.

Mesmo assim, o Covilhã não desistiu. Aos 82 marcou um golo, prontamente anulado por fora-de-jogo de Traquina na hora de cabecear, com êxito, à baliza; e aos 84, foi o avançado arsenalista Yan Said a tirar, em cima da linha de golo, uma bola cabeceada por Tiago Moreira, na sequência de um canto.

Quando menos se esperava, o Braga B marcou e levou os três pontos. Jogo direto do guarda-redes Bernardo Fontes, para a esquerda do ataque, onde Dinis Rodrigues, com qualidade, cruza de pé esquerdo para a área onde Ricardo Rei, de cabeça, bate pela segunda vez o guarda-redes georgiano dos serranos.

A próxima partida do Covilhã é no domingo, 28, no estádio da Tapadinha, em Lisboa, frente ao Atlético, já com os serranos sem qualquer tipo de aspiração.

1-2

Renato Soares, aos 69 e 70 minutos, esteve duas vezes perto do golo

PUBLICIDADE

foto
académica
Filipe Pinto

REPORTAGENS FOTOGRÁFICAS
TUDO PARA COMUNHÃO E BAPTIZADOS | ARTIGOS
RELIGIOSOS | PARAMENTARIA | ARTIGOS NUMISMÁTICA

Escadas do Quebra Costas n.º 2, 6200-170 Covilhã
E-MAIL: fotoacademica@hotmail.com | TEL.: 919 487 978 | 964 196 950


O QUE VEM À REDE



“País está a tornar-se numa estância de férias ou um lar de idosos”

MAFALDA REBORDÃO
26 anos, Economista,
Google – Londres

“Estarão algumas pessoas a ser condenadas a uma reforma antecipada sem o desejarem? Estarão as pessoas 'a perder a validade' mais cedo, por contraste com a esperança média de vida que tem vindo gradualmente a aumentar?”



ANA RITA NASCIMENTO
Advogada in Human Resources

DEBORA DINIZ
Realizadora,
investigadora in Público

“O aborto é uma dívida democrática às mulheres”



“As autoridades de saúde, incluindo a DGS, também praticam violência obstétrica”



MIA NEGRÃO
Advogada e activista pelos direitos das grávidas,
in Página Um



“O socialismo em que acredito é um projecto ideológico que crê ser possível viver em sociedades onde não há uma classe social que domine a outra”

RAQUEL VARELA
Historiadora in
raquelcardeiravarela.files.
wordpress.com

VOZES DO POVO AQUI CHEGAM AOS SEUS

“MARÉ NEGRA, POR MUITO QUE A PINTEM DE VERDE”

  Acompanhe-nos on-line:
noticiasdacovilha.pt



noticiasdacovilha.pt
"Maré negra, por muito que a pintem de verde" - Jornal Notícias da Covilhã

“Uma tristeza enorme. Uma destruição da natureza mesmo à porta do Parque Natural da Serra da Estrela. Esperemos que não arranquem também as cerejeiras para colocarem estas plantações destruidoras do meio ambiente. Como é possível autorizarem tal destruição? Não é a plantar painéis solares que vão reverter as alterações do clima. Isto só vai destruir a natureza que contribui para um meio ambiente saudável e para encher os bolsos de alguém. É revoltante o que está a acontecer em Portugal. Como permitem que investidores estrangeiros venham destruir a nossa natureza, o nosso património natural?”
→ Guida Paiva

“Prossegue a agenda totalitarista com o falso pretexto climático. Passámos a ter energia muito mais cara e cada vez menos eficaz. Promete correr bem... para as elites parasitárias globalistas”
→ Eduardo Pedroso

“A Cova da Beira transformada num manto negro, perdendo a sua beleza. Uma paisagem apocalíptica”
→ Paulo Jesus

“Como sempre, o carro é colocado à frente dos bois. E depois, aquele que poderia ser de fato um bem maior, passa a ser mais um problema para resolver, sabe Deus quando”
→ Vera Matos

ÚLTIMA PÁGINA

5. ^a F	6. ^a F	Sáb.	Dom.	2. ^a F	3. ^a F	4. ^a F	☀️
☁️	☔	☁️	☁️	☁️	☁️	☁️	06:68h
9° 20°	6° 18°	6° 15°	4° 16°	5° 18°	6° 19°	7° 19°	☀️
							20:20h

O ALBERTO DOS JORNAIS



“Come a sopa, senão chamo o Alberto!” Diziam as mães aos putos que moravam por ali, junto ao Bairro dos Sargentos. Eu era um deles, e o Alberto, o ardina mais conhecido da cidade. E por três motivos. Por um lado, fazia-se deslocar numa velha pasteleira, que arrastava devagar desde o largo da Câmara até à rua onde as crianças ensaiavam todo o tipo de brincadeiras ao princípio da tarde. O movimento pedalante era impulsionado por uns quantos bagaços que o nosso Alberto ingeria no pós-almoço para que a árdua e diária tarefa da entrega dos vespertinos corresse dentro da normalidade. Uma espécie de “xarope” que lhe engrossava a voz, assustando os petizes que se escondiam atrás dos muros à sua passagem. Vivíamos em pânico com medo do Alberto que muitas vezes não parava, e mesmo sem desmontar, enlaçava o jornal e atirava-o como uma pedra, qual batente, contra as portas das moradias. O jornal era o Diário Popular, que o meu pai encomendava todos os meses no quiosque do centro, e que na verdade foi a publicação em que aprendi a juntar as letras. Alguns, muitos mesmo, anos mais tarde, também nele li as primeiras daquele dia de Abril de 74.

Francisco Figueiredo.

O SEU JORNAL ESTÁ AQUI “POLO I - UBI” - COVILHÃ

E EM MAIS DE 200 LOCAIS:

- Casa da Sorte - Unh. da Serra
- Meu Super - Tortosendo
- Pingo Doce
- P. Papelito - Manteigas
- CM Covilhã
- Serra Shopping

- Lidl - Covilhã
- CM Penamacor
- Central Camionagem
- Centro Hospitalar
- Estação da CP - Covilhã
- Galp da Covilhã
- Tab. Rogeiros - Boidobra
- Amanhecer - Teixoso

- Junta Freg. Belmonte
- Junta Freg. Teixoso
- Minipreço - Tortosendo
- Mepisurfaces
- Mercado Municipal
- G.Recr. Refugiense
- Quiosque Estrela 2000
- P. Sonypal - Tortosendo
- Intermarché - Covilhã
- Twintex
- UBI – Polo 1
- UBI – Biblioteca Central
- UBI – Ciências
- UBI – Engenharias
- Fitecom - Tortosendo
- Pad.^a Dias - Tortosendo

CURTA COM... / Américo Nunes,

84 ANOS, EX-SINDICALISTA/ESCRITOR

Que livro é este, “Conversas carregadas de história com dez sindicalistas de Abril”, que apresenta agora?

São conversas que tive com dez sindicalistas de Abril, que tiveram grande atividade antes do 25 de abril, a partir de 1968. E participaram na revolução, continuando na atividade sindical até aos anos 80, 90 ou 2000. Fala sobre a luta antifascista e a evolução da atividade sindical, e do papel importante que estes homens tiveram.

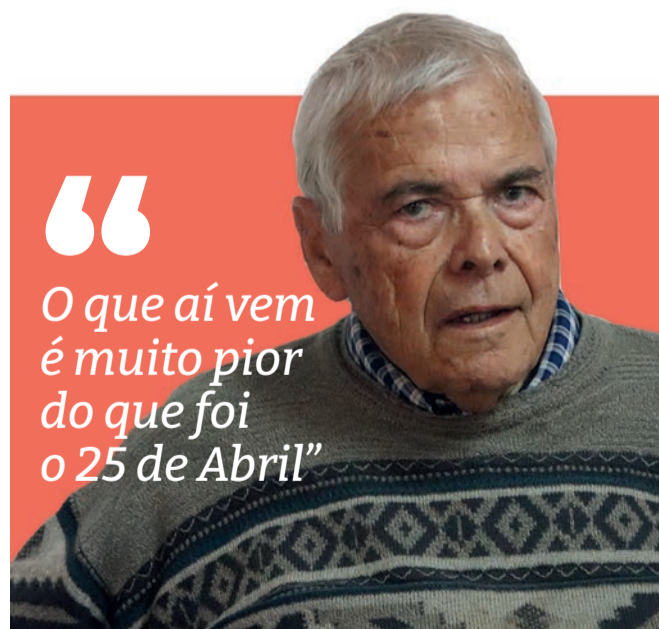
Há nesse período dois marcos importantes: 25 de abril e 1º de maio...

Claro. O 1º de maio foi o 25 de Abril dos trabalhadores. Enquanto Abril foi um golpe militar progressista dos capitães, para derrubar o regime fascista e acabar com a guerra colonial, o 1º de

maio foi dos trabalhadores e do povo em geral. Na Covilhã houve um acontecimento extraordinário. Decorria uma greve do setor têxtil, que reivindicava mil escudos de aumento, e que após abril passou para três mil escudos, uma verba enorme na altura. Os resultados desta greve estenderam-se ao resto do país.

Qual o impacto que, 50 anos depois, tem o movimento sindical?

Hoje, o contexto é diferente. Antes de Abril, a greve era proibida, as pessoas eram presas. Era muito difícil, mas os sindicatos tinham muita força. E após a revolução, tornaram-se quase uma autoridade. Hoje, no que toca à ação dos trabalhadores, há menos capacidade reivindicativa. Não por culpa



“
O que aí vem é muito pior do que foi o 25 de Abril”

dos sindicatos, que têm força, mas do contexto.

Como vê hoje Abril?

Com uma certa nostalgia. É natural, porque nós fizemos e vivemos o 25 de Abril. Hoje as pessoas que estão no ativo, muitas delas eram crianças. O que sabem é o que as famílias lhe contaram e aprenderam na escola, se é que lhes ensinaram. Há muito quem hoje queira deturpar Abril, que não são só valores e ideias, que têm que ser traduzidas no concreto. Na ação. Em melhor saúde, salários, férias. É sempre uma luta do gato e do rato, numa altura em que há muita pujança das forças reacionárias e fascistas. O que aí vem é muito pior do que foi o 25 de Abril.

PUBLICIDADE

SOMOS PELA ESCRITA LIVRE. SEM ACORDOS. EM BOM PORTUGUÊS.

NOTÍCIAS DA COVILHÃ